

Charles Mills *Apel*

CORA GEM!

ELES CONFIARAM EM DEUS E VENCERAM O MEDO

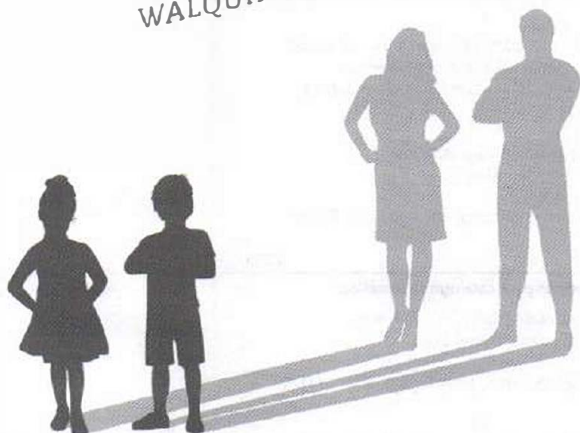


Charles Mills

CORA GEM!

ELES CONFIARAM EM DEUS E VENCERAM O MEDO

TRADUÇÃO
WALQUÍRIA FERREIRA



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
TATUÍ, SP
2023

Titulo original em inglês:

COURAGEOUS KIDS

Copyright© da edição em inglês: Pacific Press, Nampa, EUA.

Direitos internacionais reservados.

*Direitos de tradução e publicação em
língua portuguesa reservados à*

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia SP 127, km 106

Caixa Postal 34, 18270-970, Tatuí, SP

Telefone: (15) 3205-8800 / WhatsApp: (15) 98100-5073

Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888

Ligação gratuita: 0800 9790606

Site: kids.cpb.com.br

E-mail: infantojuvenil@cpb.com.br

Coordenação Editorial: Sueli Ferreira de Oliveira

Editoração: Sueli Ferreira de Oliveira

Revisão: Esther Fernandes

Edição de Arte: Thiago Lobo

Projeto Gráfico: Rodrigo Neto

Capa: Samuel Krummenauer Santana

IMPRESSO NO BRASIL / Printed in Brazil

1ª edição

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mills, Charles

Coragem! eles confiaram em Deus e venceram
o medo / Charles Mills ; tradução Walquíria
Ferreira. – Tatuí, SP : Casa Publicadora Brasileira,
2023.

Titulo original: Courageous Kids

ISBN 978-85-345-3152-8

1. Coragem - Literatura infantojuvenil I. Título.

23-160939

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

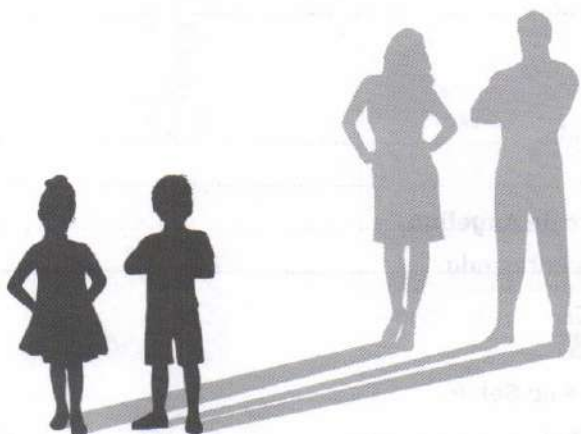
Os textos bíblicos citados neste livro foram extraídos da Nova Versão Transformadora, salvo outra indicação.



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, *sem prévia autorização por escrito* da editora.

Tipologia: FP Dancer Serif 10,5/16 – 21343/47615

*Este livro é dedicado a todas as pessoas que
enfrentaram um desafio e não desistiram!
Vocês são verdadeiros heróis.*



SUMÁRIO

Apresentação.....	6
-------------------	---

SEÇÃO 1

1. Sem Saída.....	9
2. Perdido.....	14
3. A Guerra de Angelina.....	20
4. A Bíblia Enterrada.....	36

SEÇÃO 2

5. Milagres da Selva.....	42
6. Naufragos.....	49
7. Corajoso de Verdade?.....	70

SEÇÃO 3

8. Picada de Cobra.....	75
9. Balas, Bombas e Bênçãos.....	78
10. Raiva.....	97
11. Meu Intervalo Particular.....	103

SEÇÃO 4

12. O Garoto que Pegava Monstros.....	110
13. A Areia de Outra Pessoa.....	119
14. A Escolha de Moisés.....	124
15. Corajosos.....	130

APRESENTAÇÃO

Ao longo dos anos, tenho escrito muitas histórias sobre jovens e adultos que enfrentaram situações terríveis, circunstâncias assustadoras e até eventos que ameaçaram a vida deles. Mas eles não recuaram. Eles não desistiram. Como o jovem pastor Davi, aquelas pessoas enfrentaram os gigantes e permaneceram firmes em sua fé de que Deus estava com elas.

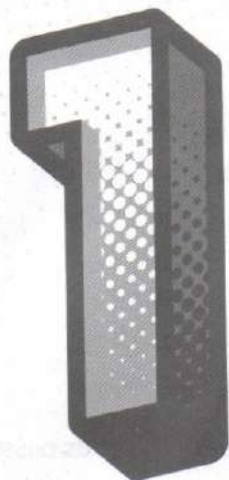
Reuni essas histórias neste livro para apresentá-las a você. Espero que elas o inspirem.

Primeiro, deixe-me esclarecer uma coisa: ser corajoso e destemido não significa não se sentir com medo, preocupado ou desejando não ter de fazer o que precisa ser feito. Significa simplesmente que você está com medo, preocupado, desejando não ter que fazer o que precisa ser feito e, mesmo assim, não recuará. Isso exige coragem!

Como você descobrirá nestas páginas, as pessoas que escolhem a coragem aprendem lições valiosas. Suas experiências realmente fortalecem a fé em Deus e lhes dão capacidade de lidar com os desafios da vida: grandes ou pequenos. É verdade! Porque, com Deus ao lado, elas realmente têm menos medo.

Ao longo do livro, você também encontrará algumas páginas espalhadas chamadas "Não tenha medo". Elas podem ajudá-lo a desenvolver sua marca pessoal de coragem. Por que isso é importante? Porque há muitas pessoas neste mundo apenas esperando que alguém venha em seu socorro a fim de mostrar-lhes como sentir menos medo. Esse alguém pode ser você, se estiver disposto a fazer isso.

Seção



**ESPERE PELO SENHOR
E SEJA VALENTE E CORAJOSO;
SIM, ESPERE PELO SENHOR.**
SALMO 27:14

1

SEM SAÍDA

Alice Hall, de Bar Harbor, Estados Unidos, estava voltando do trabalho para casa e decidiu pegar um atalho ao longo da costa. Ela esqueceu quão rapidamente as marés podem subir.

Ela dirigia por um cordão litoral quando, de repente, percebeu que a água do mar já estava na altura das calotas. “Sem problemas”, a jovem pensou, “vou apenas acelerar um pouco.”

Errado! Em minutos, as ondas batiam contra as portas do carro e subiam. Ela estava presa. Não havia saída.

Walter Koester sentiu seus pés escorregarem. Ele olhou para cima a tempo de ver toneladas de terra caindo em sua direção. Em segundos, ele estava enterrado até a cintura, com mais terra e pedras a caminho.

O pai de Walter, que trabalhava nas proximidades, pegou a única coisa que conseguiu encontrar – uma mangueira de jardim – e jogou-a

no poço que se enchia rapidamente. Assim que seu filho a agarrou, a terra soterrou completamente o menino a 2,5 metros de profundidade.

Na escuridão, Walter enfiou a ponta da mangueira na boca e tentou respirar. Porém, tinha um problema: a mangueira do jardim estava cheia de água. Walter estava em apuros. Não havia saída.

Frank Brown, um técnico de raios X que trabalhava no Hospital Bellevue, em Nova Iorque, instruiu seu paciente a ficar imóvel na mesa.

Uma enfermeira em atendimento, Grace Fusco, viu Brown tentando desligar a máquina para fazer alguns pequenos ajustes. Entretanto, algo estranho aconteceu. Pela mão, Frank fechava um circuito elétrico de alta voltagem. Ele não conseguia falar nem se mover e desmaiou, mas sua mão permanecia enroscada, firmemente presa pelo poder mortal que passava através dos cabos.

Com o rosto pálido, o paciente saltou para o chão e saiu correndo da sala. A enfermeira, agindo por impulso, correu para o técnico e agarrou-o pelos ombros. O choque a atingiu como um ônibus em alta velocidade, jogando-a para trás na sala e contra a parede.

Grace tentou mais duas vezes resgatar o homem da corrente elétrica. Mais duas vezes ela se viu jogada contra a parede oposta. Ela estava prestes a perder a consciência. Não havia saída para Frank Brown.

Você já passou por tudo. A vida é demais para ser suportada. Tudo, tudo mesmo, parece projetado para machucá-lo, destruí-lo, impedi-lo de encontrar qualquer felicidade verdadeira.

Seus amigos riem de você. Seus pais parecem despreocupados. O pregador na igreja nunca diz nada que você precisa ouvir.

Tudo está perdido. Se algo não acontecer logo, você acabará com a própria vida. Essa é a única maneira lógica de sair de uma situação desesperadora. Não há saída.

As águas continuavam subindo. Alice Hall olhou desesperadamente ao redor do carro que afundava lentamente. Sem lanterna. Sem qualquer meio de comunicação.

Sua mão bateu no volante, fazendo soar a buzina. Espere. A buzina. *A buzina!* “Mas as pessoas na margem escura pensarão que alguém está apenas buzinando para um amigo ou dizendo a outro motorista para sair do caminho.” O capitão Fred Hayes, um marinheiro que vivia perto da praia, inclinou a cabeça para o lado e desligou seu rádio. O que ele estava escutando?

Hayes empalideceu. Aquela buzina ao longe estava tocando um código, o sinal de socorro internacional conhecido por todos os marinheiros: *Bi-bi-bi!*, *biiii-biiiii-biiiii!*, *bi-bi-bi!* (Código Morse para SOS).

Saindo de casa, Hayes avistou o carro na arrebentação. Rapidamente ele chamou alguns amigos, pegou um barco e se apressou para realizar o resgate. Alice continuou buzinando até que viu algo se aproximando.

A mulher foi salva no momento em que a maré envolveu o carro com seus braços aquáticos.

Walter Koester sabia que, se quisesse respirar o ar fresco lá de cima, teria de beber a água da mangueira do jardim.

Ele contou mais tarde que tinha certeza de que devia ter pelo menos um galão de água (o equivalente a 3,78 litros).

Quando a mangueira secou, ele teve um pouco de ar para respirar. Logo os socorristas colocaram um tanque de oxigênio na outra extremidade. Depois de duas longas e agonizantes horas, Walter estava livre – abalado e sem nem um pouco de sede.

O barulho na sala de raios X incomodou outro técnico, que percebeu algo errado na sala ao lado. Ele invadiu o ambiente correndo e ficou horrorizado com o que viu. Então ele fez uma coisa muito científica – não tão heroica quanto a coragem impulsiva da enfermeira, mas muito mais eficaz. Ele pulou até o disjuntor principal na parede e desligou toda a eletricidade da sala.

Meio eletrocutado, Frank Brown caiu no chão, totalmente inconsciente. Ele sofreu queimaduras por causa do choque, mas os médicos disseram que ele se recuperaria. E ele se recuperou.

A enfermeira se machucou um pouco, mas estava bem.

Você reflete sobre sua situação pessoal. Quem vai ouvir seu SOS no meio das ferozes ondas? Quem vai jogar uma mangueira de jardim em sua direção enquanto a terra cai e as luzes se apagam? Quem entrará correndo e desligará a energia que parece determinada a acabar com sua vida?

Não há saída. Você está desamparado, sem esperança, perdido.

Espere! Você vê um homem correndo em sua direção. Ele está com as mãos estendidas. “Finalmente”, você pensa. “Aí vem meu salvador!”

Mas, então, o homem é pego por uma multidão enfurecida e pregado em uma cruz. Você olha para Ele, e Ele olha para você.

– Estou aqui – Ele sussurra. – Estou aqui para salvar você.

Mesmo que tudo pareça falhar, confie no Homem que sabe o que é sentir como se não houvesse saída. Jesus não está mais na cruz. Quando você aceita a salvação que Ele oferece, Jesus passa a habitar em seu coração e está pronto para lhe dar a coragem necessária para você vencer qualquer situação. Ele está pronto para ajudá-lo a enfrentar qualquer medo, circunstância ou desafio. Basta pedir!

2

PERDIDO

A pedra fortemente lançada por Jeremy quicou nas claras águas do lago da montanha e formou pequenas ondas que corriam em todas as direções. Junto à margem, dois cavalos saltaram e relincharam de susto em resposta ao profundo *splash* da água.

– Ei! – disse Carolyn, amiga de longa data do rapaz, que estava sentada em uma toalha de piquenique estendida sobre a grama ali perto. – Você está assustando nossos animais. Vá com calma.

Jeremy enfiou as mãos nos bolsos e chutou uma pedra solta.

– Como posso relaxar quando minha vida está indo de mal a pior? Ele ouviu a risada de Carolyn.

– Aqui no acampamento, você tem uma atividade tão legal! Além disso, tem a minha amizade. Seu irmão me acha bonita.

O adolescente sorriu, apesar de sua frustração.

– Meu irmão tem cinco anos.

– Bem – retrucou Carolyn, fingindo arrumar o cabelo –, ele já tem idade para apreciar as belas coisas da vida.

Jeremy foi até a toalha e se sentou ao lado da amiga.

– É só que... bem... às vezes, fico meio confuso. Quero dizer, estou aqui, bancando o conselheiro de um grupo de crianças, ensinando-as a andar a cavalo e tentando ajudá-las a se divertir neste acampamento. Então uma delas me faz uma pergunta que eu não consigo responder. Eu me sinto tão estúpido. Quando se trata de religião, eu sou um fracasso.

– Por que você diz isso?

– Eu sei falar sobre Daniel na cova dos leões ou sobre Moisés atravessando o Mar Vermelho, mas um menino me perguntou como eu sei que Deus me ama mesmo quando não *sinto* que Ele me ama. Como explicar isso?

Carolyn concordou com a cabeça.

– Eu entendo o que você quer dizer.

Ela fez uma pausa.

– Talvez você devesse perguntar isso ao pastor de nossa igreja. Ele parece ser legal.

– Ele é – concordou Jeremy –, mas ele não pôde vir neste acampamento. Só sei que esse garoto vai me incomodar de novo hoje à noite. Ele é um garotinho insistente.

A garota olhou para o céu de fim de tarde.

– Bem, não sei o que dizer. E acho que é melhor voltarmos para o acampamento.

Ela sorriu para seu amigo.

– Gostei do nosso piquenique, embora você tenha assustado os cavalos e batido no lago.

Jeremy riu.

– Desculpe-me por isso. Eu também me diverti. Você é uma verdadeira amiga.

Carolyn suspirou.

– Sim, eu sei.

Os dois juntaram as coisas e montaram nos cavalos. Durante a cavalgada de volta para o acampamento, não se ouvia qualquer barulho, exceto o pio distante de um falcão e o farfalhar suave das ondulações no lago.

Jeremy e Carolyn estavam apreciando a paisagem e se deliciando com o ar fresco da montanha quando, de repente, a égua do rapaz começou a agir de maneira estranha.

– Qual é o problema, garota? – perguntou Jeremy.

– Olhe – Carolyn apontou para um tronco caído a alguns metros de onde as duas trilhas se cruzavam.

Lá, sentado sozinho, estava um menino de sete ou oito anos.

Seu rosto estava sujo de lama e sua jaqueta parecia rasgada, como se ele tivesse rastejado pelo mato.

– Olá? – disse Jeremy, controlando rapidamente seu animal para fazê-lo parar. – Você está bem?

O menino ergueu o queixo.

– Não – disse ele. – Estou perdido.

– Há quanto tempo você está aqui?

– Desde esta manhã. Meus pais estavam pescando no *Big Lake*, e eu fui dar uma volta. Você sabe onde fica o *Big Lake*?

– Claro que sim – respondeu Jeremy, escorregando de sua sela e caminhando até o garotinho. – Eu trabalho em um acampamento lá perto. Quer uma carona de volta?

– Vamos encontrar sua mãe, seu pai e todo mundo.

O menino concordou.

– Fiquei meio assustado.

– Eu sei – disse o adolescente. – Isso é o que acontece quando você fica perdido. Mas você fez a coisa certa. Você veio para essa trilha e ficou aqui. Estou muito orgulhoso de você. Agora, deixe-me ajudá-lo a subir. Vamos voltar e encontrar seus pais. Eles provavelmente estão muito preocupados.

Enquanto o menino estava sendo içado para a sela, ele notou outra pessoa em um cavalo esperando por perto.

– Quem é ela? – ele perguntou.

– O nome dela é Carolyn – disse Jeremy. – Ela é uma amiga minha. O menino olhou para a garota por um longo momento.

– Ela é linda – disse ele.

Jeremy revirou os olhos.

– Já ouvi isso antes.

Trinta minutos depois, quando o trio entrava no *Big Lake Summer Camp*, rostos surpresos e aplausos os cercaram imediatamente.

– Onde vocês o encontraram? – perguntou o diretor do acampamento, correndo até os cavalos. – Temos equipes de busca procurando por horas.

Jeremy estava prestes a explicar o que havia acontecido quando um homem e uma mulher abriram caminho no meio da multidão.

– Oh, Willie! Eles encontraram você. Graças a Deus, você está a salvo!

– Mãe! – o menino chorou ao cair nos braços abertos da mãe.

O homem e a mulher abraçaram o filho enquanto lágrimas de alegria escorriam por dezenas de rostos. Jeremy estava feliz. Quando ele olhou para Carolyn, ela estava com seu largo sorriso. Ambos estavam contentes por terem participado do resgate do pequeno Willie.

O alegre reencontro continuou se repetindo na mente de Jeremy enquanto ele cumpria suas tarefas naquela noite, cuidando dos cavalos e certificando-se de que os acampantes estivessem alimentados e os pratos, devidamente lavados. Ele não conseguia tirar a cena daquele pai e daquela mãe de seus pensamentos, mesmo quando o sol se pôs sobre o lago e os grilos começaram suas serenatas noturnas.

Uma oração especial de agradecimento foi oferecida no início da reunião em torno da fogueira do acampamento. Então o diretor pediu a Jeremy e Carolyn que contassem para todos os detalhes do resgate.

Os dois adolescentes alegremente compartilharam os acontecimentos da tarde. Quando terminaram, Jeremy disse:

– Sabem, uma pessoa me fez uma pergunta importante. Ele quer saber como podemos ter certeza de que Deus nos ama mesmo quando não sentimos que Ele nos ama. Bem, essa tarde descobri a resposta. O pequeno Willie estava perdido, mas seus pais não pararam de amá-lo. Eles estavam procurando em todos os lugares, mesmo que seu filho não soubesse. Deus ainda nos procura, mesmo que não possamos vê-Lo. Ele ainda nos ama, mesmo quando nos sentimos perdidos.

Cabecinhas jovens se moveram, concordando, ao redor do brilho do fogo, enquanto brasas quentes subiam na escuridão total.

– Portanto – Jeremy concluiu, com um sorriso gentil marcando seu rosto jovem –, para quem tem pensado nisso, eu digo que não se preocupe. Não há lugar para onde você possa ir ou nada que possa fazer que impeça o Pai Celestial de parar de procurá-lo e amá-lo. E isso deve nos fazer saber que temos muito valor.

O adolescente olhou para Carolyn, que estava sentada com um orgulhoso sorriso iluminando seu rosto por causa do amigo. Parecia que *duas* pessoas haviam sido resgatadas naquela tarde.

NÃO TENHA MEDO!

Pessoas que confiam em Deus tendem a ser mais corajosas. Elas acreditam em Deus quando outros se recusam a fazê-lo. Elas falam com Deus quando todo mundo fica em silêncio. Elas se tornam pessoas incomuns.

No entanto, elas estão em boa companhia. Jesus também era incomum.

Ele curou pessoas no sábado, embora os líderes da igreja de Sua época dissessem que isso era contra as leis religiosas feitas pelos homens. Ele jantou com homens e mulheres de má reputação, trazendo acusações dos religiosos e fazendo com que as línguas dos que se achavam mais santos se agitassem. Ele era amigo dos pobres e até percebeu quando uma viúva deu uma pequena oferta no templo. Ele andava com leprosos e aleijados, tratando-os como iguais.

Portanto, se você quer se tornar tão incomum quanto Cristo era:

- Faça coisas boas e ajude as pessoas, não importa que dia seja;
- Não vire as costas para as pessoas que são alvo de boatos desagradáveis ou risadas injustas;
- Se um aluno pobre aparecer na aula usando um par de tênis novos que não são exatamente da última moda, diga-lhe: "Ei, tênis legais! Aposto que você consegue correr mais rápido com eles!";
- Se você vir alguém com mobilidade reduzida lutando para subir escadas, abrir uma porta ou jogar futebol em uma cadeira de rodas, ajude essa pessoa a levantar-se, passar e vencer!

3

A GUERRA DE ANGELINA

Angelina cuidadosamente se ergueu mais alto, abraçando o galho estreito com os braços e as pernas. A copa das árvores balançava na brisa fresca, levando-a para a frente e para trás em um arco vertiginoso. Mas ela não se importava. Ali em cima, o mundo parecia um pouco menos ameaçador, um pouco menos assustador.

– Angelina Shiwotenko – ela ouviu uma voz distante chamar –, você não deve subir tão alto. Você pode cair.

A jovem sorriu e olhou para a mãe, parada lá embaixo.

– Estou bem – respondeu ela. – Quero ver quando o papai estiver voltando. Talvez ele traga algumas maçãs ou pão...

Suas palavras foram interrompidas pelo som de um veículo se aproximando rapidamente. Um caminhão do exército alemão se chocou em uma elevação e seguiu pesadamente pela estrada rural; seu motorista estava obviamente com muita pressa. Quando o veículo passou derrapando perto de onde a garota estava, Angelina agarrou o galho com mais força. Na caçamba aberta do caminhão, estavam

vários homens, seus uniformes estavam manchados de sangue e cobertos de lama. Em um instante, eles se foram, deixando para trás o leve cheiro da fumaça do escapamento.

– Desça daí! – a menina ouviu a mãe pedir novamente. – Seu pai está ocupado tratando dos soldados feridos. Não acho que ele queira adicionar a filha mais nova à lista de pacientes.

Angelina concordou com a cabeça.

– Está bem, mamãe. Estou indo.

Enquanto fazia seu caminho por entre os galhos, a menina de dez anos balançava a cabeça tristemente. Nos últimos três anos, ela e a família viram a vida no pequeno assentamento ucraniano ir de mal a pior. Com a Segunda Guerra Mundial devastando a Europa, nunca havia o suficiente para comer. Agora, com as forças militares alemãs lutando contra os russos, eles tinham de dividir as escassas provisões que a terra oferecia com dois exércitos inimigos.

E tinha o pai. Na noite anterior, ela ouviu seus pais conversando.

– Os alemães me obrigaram a cuidar de seus doentes – disse o homem, em voz baixa –, mas posso afirmar que eles estão ficando nervosos. As forças comunistas russas estão ficando mais fortes a cada dia. Fala-se em uma retirada. Se os nazistas partirem, eles prometem nos levar com eles. Você é um quarto alemã, Pauline. Hitler quer você para sua nação especial, “limpa”. Podemos começar uma nova vida longe daqui.

Enquanto Angelina ouvia, o homem fez uma pausa e então sua mãe falou baixinho.

– Talvez eles até deixem você recuperar sua licença médica. Aqui na Ucrânia, você não pode atuar enquanto se recusa a entrar para o partido comunista. Mas ainda pode continuar seu trabalho como pastor.

– Não. Isso não é suficiente – o homem interrompeu, com firmeza. – Deus me chamou para curar almas feridas, assim como corpos feridos. Devo fazer as duas coisas.

– Então iremos com os alemães quando eles recuarem – concluiu mamãe, suavemente. – Vamos levar as meninas e deixar este lugar para sempre.

“Deixar este lugar. Deixar este lugar.” As palavras ecoaram nos pensamentos de Angelina durante toda a noite e no dia seguinte. Mesmo depois, ela se lembrava da urgência na declaração de sua mãe. A Alemanha parecia ser sua única esperança. Ela se perguntava como seria o novo país. Será que eles se sentiriam seguros e, mais importante, encontrariam o suficiente para comer naquela terra distante?

A locomotiva do trem de carga chiava com o vapor e cuspiam água fervente enquanto esperava que os passageiros subissem a bordo. O pai guiava sua pequena família ao longo da plataforma da estação, dando instruções em voz alta acima do barulho dos oficiais que gritavam dando ordens para soldados confusos e do estrondo de tiros distantes. Angelina e sua irmã mais velha, Adventina, junto à mãe, sentiram uma certa emoção ao enfrentar a longa jornada. Para a jovem, a vida era uma aventura, não importava o que estivesse prestes a acontecer.

Então ela viu as fileiras de homens feridos gemendo, deitados em camas de palha empoeiradas, corpos alinhados em vários vagões como lenha recém cortada. Essas vítimas feridas da guerra viajariam com os refugiados. O trabalho do pai era garantir que o maior número possível de soldados chegasse vivo ao ponto final.

Cheiro de infecção e de suor pairava no ar como uma névoa sufocante. Mas essa não era para ser uma viagem de lazer. Os passageiros que lotavam a plataforma e se comprimiam nos vagões abertos fugiam para salvar a vida. Ficar para trás significava prisão e morte certa nas mãos dos comunistas que se aproximavam.

Os dias seguintes transcorreram em uma mistura de longas esperas e movimentos apressados e bruscos sobre trilhos perigosos. Aviões de guerra sobrevoavam, jogando morte de suas asas, com bombas explodindo, levantando toneladas de terra e transformando trilhos de aço em esculturas grotescas. Parecia que nada poderia impedir a corrida desesperada e impetuosa dos russos em direção à Alemanha. Os passageiros sentavam-se amontoados em vagões, esperando e orando para que a próxima bomba falhasse, ou caísse longe, e que eles vivessem para ver outro nascer do sol.

Por fim, a viagem acabou. A fronteira alemã chegou e ficou para trás. Enquanto a locomotiva suspirava de alívio ao final da viagem, Angelina leu a placa pendurada na plataforma da estação. Com letras em negrito, anunciava a todos que eles haviam chegado a LEIPZIG.

O prédio tremia com as vozes e a comoção incessante das pessoas. “Então essa é a Alemanha”, refletiu Angelina enquanto seguia os pais para uma grande sala com outras 40 pessoas.

– Parece que agora fazemos parte de uma grande família – disse o pai, olhando para os jovens e velhos moradores do movimentado acampamento da cidade.

– Onde vamos dormir? – perguntou Adventina.

– Ali – disse a mãe, apontando para as fileiras de treliches alinhadas nas paredes. – Angelina, vou deixar você ficar na cama de cima, já que você gosta de escalar as coisas.

– Não é exatamente uma árvore – ela disse, sorrindo –, mas, se eu olhar pela janela enquanto estou deitada na minha cama, talvez consiga fingir que estou no alto dos galhos lá de casa.

– Não – falou o pai. – *Esta é nossa casa*. Nunca mais voltaremos à Ucrânia. Você entende?

– Sim, papai – respondeu Angelina, balançando a cabeça solenemente. – Esta é minha casa... por enquanto.

– Isso mesmo – disse o homem, sorrindo, com os olhos cheios de ternura familiar. – Somos uma família. Aonde quer que formos, desde que estejamos juntos, estamos em casa.

A vida no acampamento ditava um padrão de trabalho e de sono. Exceto pelos grandes insetos que percorriam o teto à noite, caindo inesperadamente em quem dormia logo abaixo, Leipzig definitivamente estava um passo acima do que a família havia deixado para trás.

Mas, assim que as coisas pareciam estar melhorando, o governo alemão informou ao pai de Angelina que ele deveria se apresentar para a entrada imediata no exército como soldado.

– Não posso ir – sussurrou o homem na noite do anúncio.

Angelina se inclinou sobre a borda do seu beliche na escuridão, tentando ouvir suas palavras.

– Como posso eu, um médico e pastor adventista do sétimo dia, pegar uma arma e matar alguém, mesmo que seja um inimigo? Devo obedecer a Deus, não aos homens.

– O que você vai fazer? – perguntou a mãe.

Depois de uma longa pausa, o homem anunciou:

– Vou passar fome até morrer.

Angelina perdeu o fôlego. Ela ouviu direito? Depois de sobreviver aos comunistas na Ucrânia e à angustiante viagem de trem para a Alemanha, seu pai morreria de fome?

UMA FAMÍLIA

– Angelina Shiwotenko? – o homem com um uniforme cuidadosamente passado lendo a lista fez uma pausa e olhou para os rostos reunidos ao seu redor. – Angelina está aqui?

– Sim, senhor – veio uma resposta tímida do meio da multidão.

- Ótimo - respondeu o oficial, marcando o nome da garota. - Você e os outros da minha lista serão enviados para outro campo para novas ordens de trabalho. Os ônibus chegarão amanhã cedo. Não é longe e o trabalho não é difícil. *Führer* Hitler aprecia seus esforços em nome do nosso grande país, a Alemanha, que luta nobremente contra a agressão estrangeira. Desejo uma noite agradável a todos vocês.

Com isso, o homem de uniforme se virou e saiu rápido da sala lotada, deixando para trás vozes agitadas. Mais trabalho, maior circulação de pessoas e habilidades; a Alemanha estava fazendo o possível para resistir à pressão constante aplicada pelo avanço dos exércitos dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Rússia. Todos, homens, mulheres e crianças, dentro das fronteiras alemãs eram obrigados a trabalhar de alguma forma para ajudar no esforço de guerra.

- Mas... eu não quero deixar vocês! - Angelina soluçava nos braços da mãe. - Vou ficar sozinha e com medo. Não seremos mais uma família.

- Você não deve se preocupar, filha - disse o pai disse, enquanto lhe acariciava o cabelo loiro e macio. - Vou lhe dizer uma coisa. Todos os dias, ao meio-dia, quando os sinos da igreja aqui em Leipzig tocarem, onde quer que estejamos ou o que quer que estejamos fazendo, faremos uma pausa e oraremos. Estaremos orando juntos, como se estivéssemos no mesmo cômodo.

Angelina concordou enquanto olhava para o rosto gentil de seu pai.

- Papai? Você... você vai morrer?

O homem perdeu o fôlego.

- Por que você está perguntando uma coisa dessas?

- Eu ouvi você e a mamãe conversando algumas semanas atrás. Você disse que iria morrer de fome para que eles não o levassem para o exército. Você vai morrer?

O homem pegou a garota nos braços.

- Não, minha querida! Estou apenas me enfraquecendo para que não me forcem a entrar no exército e me ordenem a matar pessoas.

Em vez disso, quero conseguir minha licença médica alemã para poder salvar vidas e contar aos outros sobre Jesus.

Angelina analisou seu pai por um momento. Seus olhos estavam escuros e fundos, seus braços e dedos, ossudos e enrugados. Então ela entendeu. Ele não iria se matar de fome. Estava apenas tentando de todas as formas não se tornar um soldado combatente.

Um alívio inundou seu corpo enquanto ela abraçava o homem.

– Amo muito você, papai – disse ela, enterrando o rosto em seu peito esquelético. – Às vezes tenho tanto medo. O que acontecerá conosco quando os americanos ou os russos vierem?

– Espero que os americanos nos encontrem primeiro – sussurrou o homem. – Ouvi dizer que eles são muito mais gentis do que os russos. Mas agora devemos trabalhar e sonhar com nosso futuro juntos depois da guerra. Você deve entrar naquele ônibus e, quando ouvir os sinos da igreja tocando, lembre-se de orar. Dessa forma, permaneceremos uma família, certo?

Angelina concordou.

Após alguns meses de separação, Angelina e sua família receberam a notícia de que estavam sendo transferidos para outro acampamento em uma cidade distante. A essa altura, o pai da menina precisou ser hospitalizado por causa da desnutrição. Em poucos dias, foi decidido que seus serviços não seriam necessários no exército. Ele estava livre para buscar sua licença médica alemã ou morrer, o que viesse primeiro. O pastor Shiwotenko venceu sua batalha particular e secreta com o exército.

A família se estabeleceu em sua nova casa na cidade de Freiburg. Pelo menos, todos estariam trabalhando no esforço de guerra no mesmo lugar, em vez de estarem em campos separados.

Certa tarde, o pai pegou suas duas filhas pela mão e as levou colina abaixo em busca de comida, uma atividade comum dos refugiados na Alemanha devastada pela guerra.

– Aposto que há uma mulher na vila assando pães neste exato momento – afirmou o homem, com confiança, enquanto caminhavam pela estrada poeirenta – e ela ficará feliz em compartilhar alguns conosco.

– Estou com frio, papai – disse Angelina, tentando afastar o frio do inverno.

– É só mexer os dedos dos pés enquanto caminha – sugeriu o homem. – Isso pode ajudar a esquentá-los um pouco.

Chegando à periferia da aldeia, eles decidiram se separar e cada um escolheu algumas casas para bater e pedir comida. Angelina bateu timidamente à porta da frente da primeira casa e esperou com expectativa.

– Ora, ora – veio uma voz atrás da tela. – O que você está fazendo aí fora em um dia tão frio de inverno?

A garota sorriu. Embora ela entendesse um pouco de alemão, tinha dificuldade em falar. Contudo, ela aprendeu uma frase com perfeição.

– Temos fome – disse ela. – Você tem algo para comer, por favor? Angelina viu a mulher sorrir calorosamente.

– Claro – veio a resposta, rapidamente. – Acabei de assar pão. Tenho algumas maçãs também. Você quer algumas?

A garota sorriu. O papai estava certo! Aquela gentil mulher estava fazendo exatamente o que o pai havia predito.

Correndo de volta para os outros, Angelina orgulhosamente mostrou-lhes seus presentes.

– Espere – disse o homem. – Você não se esqueceu de alguma coisa?

A garota pensou por um momento e observou o pão quentinho e as maçãs crocantes firmemente seguras em seus braços.

– Não, papai. Acho que não.

– Você se esqueceu de agradecer ao Senhor.

Angelina sorriu e concordou timidamente com a cabeça.

– Acho que sim – disse ela.

Então, ali mesmo, parados na estrada rural com o vento de inverno assobiando no ouvido deles, os três estrangeiros inclinaram a cabeça e oraram, agradecendo a Deus a bondade dos estranhos e a comida da qual logo desfrutariam.

Depois de um tempo, o pai fez os testes do governo e recebeu uma licença para exercer a medicina na Alemanha. Ele imediatamente encontrou trabalho em Pirna, uma cidade a 18 quilômetros de Dresden.

– Ficaremos seguros lá – disse ele.

Logo eles descobriram que ele estava errado.

– Ouçam!

A mãe ergueu o dedo, interrompendo subitamente toda a conversa. Angelina olhou ao redor da pequena sala que agora chamavam de lar. A princípio, ela não ouviu nada. Depois, um copo sobre a mesa começou a vibrar, enviando minúsculas ondas circulares pela superfície da água que estava nele.

A janela balançou ligeiramente, depois balançou novamente. Angelina e sua irmã sentiram as tábuas do assoalho tremerem sob seus pés quando um baixo e raivoso estrondo soou em seus ouvidos e um barulho pressionou seu estômago como uma mão invisível.

– O que é isso? – as meninas perguntaram, em um rouco sussurro.

As três se levantaram juntas e caminharam até a janela. Quando abriram as cortinas, ficaram boquiabertas. O céu noturno brilhava em rosa, vermelho e amarelo para o lado de Dresden. Batidas baixas e percussivas pulsavam no ar frio. Angelina olhou para o céu e notou que as estrelas pareciam estar piscando aleatoriamente. Mas esse

mistério logo se revelou quando chamas brilhantes começaram a cair de um céu cheio de bombardeiros. Os aliados escolheram a cidade a 18 quilômetros de distância como alvo de bombardeio para aquela noite. Pelo céu escuro voavam centenas de aeronaves poderosas, todas carregadas com toneladas de destruição.

Como o povo alemão havia apagado ou escondido cuidadosamente todas as luzes nas casas e cidades abaixo, os pilotos não tinham como saber se estavam realmente atingindo seus alvos. Alguns ficaram conhecidos por lançar suas bombas longe dos alvos pretendidos.

O pai entrou correndo na sala, com o rosto pálido de angústia.

– Venham! Temos que fugir, temos que fugir rapidamente – gritou ele – ou poderemos morrer!

MILAGRES

A estação de trem estava tumultuada. As pessoas gritavam e se empurravam, tentando se posicionar ao longo da plataforma para que estivessem paradas ao lado das portas abertas dos vagões quando o próximo trem chegasse. À distância, as batidas percussivas de bombas estourando ecoavam no ar frio, e um brilho misterioso lançado pela cidade em chamas de Dresden refletia nos rostos aterrorizados que passavam apressadamente. O pai abraçou a mãe e as duas filhas pequenas, tentando evitar que fossem empurradas para o lado e, quem sabe, até separadas da família.

– Vamos ficar bem – assegurou.

– Papai, estou com medo – chorou Angelina.

– Continue orando – pediu o homem.

Eles ficaram na plataforma por horas, esperando e orando. De repente, eles ouviram o apito estridente de uma locomotiva que se aproximava. O vapor anuviando o motor, o gemido profundo e o barulho dos carros só aumentavam o medo.

Com uma guinada, o transporte parou. Ele já estava cheio de gente, algumas paradas precariamente entre os carros. O pai percebeu que não conseguiria reunir todos da família ao mesmo tempo, então entrou em ação. Angelina sentiu-se sendo erguida no ar e literalmente jogada por uma pequena janela aberta. Ela ficou no topo da cabeça das pessoas e começou a escorregar sobre os ombros delas e a cair lentamente, passando por braços e pernas que se mexiam.

– Papai! – ela gritou.

Tudo o que ela podia ouvir eram as reclamações das pessoas que a cercavam. Ela tinha dificuldade para respirar enquanto deslizava lentamente cada vez mais para baixo na direção dos pés de seus companheiros de viagem. O trem deu um solavanco para frente, jogando-a nas tábuas do assoalho com uma dura pancada. Angelina começou a chorar. Deitada ali, cercada por pés nervosos e botas de couro endurecidas pela neve, ela chorava muito. Sua família foi deixada para trás com as bombas caindo. Todos eles morreriam antes que o sol da manhã nascesse em meio à fumaça e aos escombros que já estavam sendo lançados para o alto como um manto de morte.

Então ela ouviu uma voz chamando seu nome. Parecia distante.

– Angelina. ANGELINA!

– Papai. Estou aqui. PAPAI!

– Angelina – gritava a voz distante. – Estamos todos a bordo. Ainda estamos juntos!

A garota estremeceu de alívio. De alguma forma, o pai dela, a mãe e Adventina conseguiram entrar no trem! Ao olhar em volta, entre as pernas de seus companheiros de viagem, ela percebeu um vaso sanitário de porcelana bem perto de sua cabeça. Na pressa de colocar sua preciosa filha no trem, o pai a jogou pela janela aberta de um banheiro.

Pouco antes do amanhecer, o sobrecarregado trem entrou em Wallersberg. Não conhecendo ninguém, os quatro viajantes cansados

sentaram-se em um banco frio na plataforma da estação para tentar traçar um plano de ação. Eles estavam com fome. Suas únicas posses eram as roupas finas e esfarrapadas que os protegiam do frio matinal.

De repente, alguém que estava por perto falou:

– Vocês têm um lugar para ficar?

A pequena família se virou e olhou nos olhos de um casal alemão de meia-idade.

– Temos uma pequena fazenda com espaço para mais alguns convidados – continuou o homem –, se não forem muitos.

O pai levantou-se educadamente.

– Senhor, somos uma família de quatro pessoas, mas... – ele fez uma pausa – somos ucranianos. Seu país está em guerra com o nosso. Deveríamos ser inimigos.

O fazendeiro estendeu a mão.

– Somos todos vítimas da mesma insanidade – afirmou. – Venham. Vocês podem ficar em nossa casa.

Angelina e os outros seguiram o casal para fora da cidade e para o meio da floresta, onde encontraram uma pequena e aconchegante casa situada no meio de um tranquilo bosque. A garota sorriu abertamente enquanto olhava para as árvores altas e imponentes que se elevavam acima de sua cabeça. Ela gostava tanto de árvores, especialmente quando se sentava no alto, entre seus galhos.

O ar frio do campo a revigorava. “Talvez o pior já tenha passado”, ela pensou enquanto se sentava perto do fogo crepitante do casal na sala de estar. “Talvez as coisas melhorem de agora em diante.”

A vida na pequena fazenda parecia quase normal. Apenas o estrondo distante de bombas explodindo e o ocasional carregamento de soldados feridos lembravam à Angelina de que as batalhas continuavam.

Certa manhã, a guerra da qual eles pensavam ter escapado irrompeu na região com força total.

– Rápido, temos que nos esconder no porão! –, o fazendeiro gritou por cima do barulho repentino de metralhadoras e o *tum-tum* de morteiros explodindo. – Ficaremos seguros lá.

Todos saíram correndo pela porta da frente do aconchegante chalé e mergulharam no pequeno porão subterrâneo cavado a poucos metros da casa. Depois que algumas horas se passaram, o som da batalha diminuiu e todos deram um suspiro de alívio.

Então ouviram passos pesados na entrada do porão. Lentamente, a porta se abriu com um rangido e um longo e frio cano de rifle emergiu do feixe de luz do sol. Uma voz falou na escuridão. Ninguém tinha certeza do significado daquelas palavras, mas a mensagem era clara. Angelina e os outros levantaram as mãos acima da cabeça e saíram cercados por soldados americanos, com armas apontadas em sua direção.

O oficial encarregado fez sinal para que todos entrassem na casa. “Então é isso”, Angelina pensou consigo mesma enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto. “Eu vou morrer hoje.”

Ela sentiu o pai olhando para ela. Curvando-se, o homem sussurrou em seu ouvido:

– Onde está sua fé, minha pequena? Ore muito!

De repente, as armas dispararam ao redor, enchendo o ar com um barulho terrível de tremor de terra.

– De volta ao porão! – o oficial ordenou, empurrando o grupo para fora da casa.

Enquanto Angelina se jogava no chão de terra, ela se virou para se certificar de que sua família estava segura atrás dela. Todos estavam lá, exceto o pai.

– Papai! – ela gritou. – Papai, onde você está?

Parecia que os soldados americanos tinham outros planos para o gentil médico em seu poder. Eles ordenaram que ele ficasse na frente

da casa, com os braços erguidos em sinal de rendição, de frente para os artilheiros alemães que atiravam por trás dos arbustos e das árvores. Os americanos esperavam que o exército que se aproximava não matasse alguém que se parecesse com seus compatriotas.

Horrorizada, Angelina se encolheu na porta do porão observando as balas assobiando no alto, batendo no reboco branco da casa, transformando-o em um pó fino que caía sobre seu pai como uma neve mortal. As paredes, janelas e porta da frente explodiram e formaram pilhas quebradas enquanto ele permanecia imóvel, com braços erguidos, olhos fechados e com lábios proferindo palavras que só Deus podia ouvir.

De repente, acabou. As armas silenciaram. Todos os soldados americanos estavam mortos. A casa estava em ruínas. Mas papai não foi tocado, graças à mira cuidadosa dos alemães.

Angelina correu para os braços de seu pai e enterrou o rosto em seu casaco coberto de gesso. Ela não conseguia falar. Ela só conseguia chorar.

Algumas semanas depois, as forças americanas e britânicas avançaram pela área novamente, desta vez em maior número, empurrando os alemães para trás. Todos sabiam que a guerra logo terminaria.

Certa manhã, Angelina acordou com um silêncio estranho e sinistro. Nenhum barulho de armas nos campos distantes. Nenhum avião sobrevoava. Nenhuma bomba caindo abalava a terra.

Lentamente, a garota saiu e escolheu um grande carvalho. Com as mãos trêmulas, ela começou a subir. Mais alto, mais alto, mais alto... ela subiu até que pudesse ver por quilômetros em todas as direções. Nenhuma carroça puxada por cavalos cheia de corpos feridos e sangrando passou por baixo. Nenhuma fumaça fedorenta e detritos

flutuantes pairavam no ar frio. O sol estava nascendo em um novo dia, um dia marcado pelo abençoado silêncio da paz.

Lá no alto, Angelina sorriu enquanto o sol da manhã aquecia seu rosto. Finalmente, a guerra havia terminado.

Angelina e sua família se mudaram para os Estados Unidos alguns anos depois da guerra. Ela cresceu, se casou e se estabeleceu no norte da Califórnia, onde trabalhou para a *Pacific Press Publishing Association* por muitos e muitos anos.

Se você perguntasse a Angelina o que a guerra lhe ensinou há tanto tempo, ela diria rapidamente:

- Aprendi a procurar por milagres. Eles estão ao nosso redor.

NÃO TENHA MEDO!

Você sabe como é um milagre? Não? Bem, confira a lista a seguir para saber se talvez você já tenha visto algum acontecendo:

- O cinto de segurança que salva uma vida em um terrível acidente de trânsito.
- Um médico habilidoso que restaura a saúde de um corpo doente.
- Um amigo que fica ao seu lado mesmo quando todo mundo foge.
- Um professor que se recusa a desistir de você, mesmo que você tenha reprovado duas vezes na prova.
- Sua mãe ou seu pai que trabalham em dois empregos para pagar sua educação cristã.
- Você sente a doçura do cheiro de lírios se abrindo.
- Um casal de andorinhas que retorna ao mesmo ninho ano após ano.
- Seus pais juntos em tempos difíceis e até parecendo se amar mais.
- Uma pessoa que morre feliz com o amor de Deus preenchendo seu coração.
- Você quer seguir seus amigos em alguma atividade pecaminosa, mas não o faz.

Esses são milagres muito reais, que podem estar acontecendo bem debaixo do seu nariz. Não subestime a Deus. Ele está trabalhando duro agora mesmo, procurando tornar sua vida melhor, mais segura, mais saudável e com menos medo. Por que não parar e agradecer a Deus pelos milagres que você vê hoje?



A BÍBLIA ENTERRADA

-Pessoas mortas ficam mortas para sempre – o garoto com o rosto vermelho gritou desafiadoramente, sacudindo o dedo no ar. – Não é isso o que está na Bíblia – Josef, de 12 anos, rebateu, com seu rosto passando de moreno claro para rosa. – Jesus prometeu voltar e ressuscitar os mortos. Leia por si mesmo.

Josef Greig não esperava essa explosão repentina de seu amigo, embora ele não estivesse surpreso com isso. Poucos meninos de sua idade se preocupavam com religião, muito menos com o que acontecia com as pessoas quando elas morriam. Essas discussões eram deixadas para os evangelistas itinerantes que alertavam sobre a ira de Deus em púlpitos portáteis que ficavam sob tendas de lona. O povo de Wyoming viu muitos desses pregadores passarem, mesmo aqueles que viviam em remotos campos de petróleo e fazendas de gado.

Mas, quando um garoto como Josef insistia que Jesus estava voltando e abriria as sepulturas, isso certamente virou motivo de contendação rápida e acalorada.

– É isso o que ensinam em sua igreja do Advento?

Josef levantou o queixo.

– Eles nos ensinam muitas coisas boas. Minha mãe dirige quase 50 quilômetros a cada semana para que possamos ouvir o sermão. Cantamos músicas e ouvimos histórias também.

– Ora, ora – o agressor suspirou, zombando, enquanto olhava para os outros. – Josef se tornou um religioso. Ele é um santo agora. Olhem para ele, parado ali com uma pilha de Bíblias na mão. Quando nos dermos conta, ele vai querer tirar uma oferta e batizar todos nós no rio.

Ele deu um passo à frente até seu nariz quase tocar em Josef.

– Sem chance de isso acontecer – disse ele.

Josef ficou imóvel, olhando de volta para o garoto. Eles se conheciam há muito tempo, frequentaram a mesma escola de uma classe só em Big Horn Flats, haviam acampado juntos sob o céu de verão, ouvindo o uivo dos coiotes no escuro. E haviam participado de reuniões de vizinhos, nas quais comida e diversão eram servidas em proporções generosas.

Mas, naquela tarde ensolarada de sábado, parecia que eles haviam se deparado com um tema de discussão sobre o qual eles definitivamente não se entendiam e, se a resposta do amigo dele fosse um indício, eles nunca se entenderiam.

– Se você ao menos procurasse alguns textos, veria que estou certo – Josef falou, jogando um rápido olhar para os outros. – Eu trouxe o Novo Testamento para todos, olhem!

Ele levantou sua pilha arrumada de livros na frente dele.

– Não vai levar mais que um ou dois minutos.

– Então – o menino provocador sorriu, agindo como se de repente ele tivesse se interessado – você falou que esse pequeno livro pode me provar que Jesus está voltando e que as pessoas mortas brotarão do chão e caminharão como se nada tivesse acontecido?

O garoto balançou a cabeça e arrancou um dos testamentos das mãos estendidas de Josef. Ele o levantou para que todos vissem.

- Permita-me provar algo para você de uma vez por todas.

Ele caiu de joelhos e começou a cavar no solo macio.

- Vou enterrar esta Bíblia aqui no chão.

Seus dedos cavaram profundamente na areia e na terra.

- Isso mostrará que a ressurreição nunca vai acontecer. Nunca!

Ele jogou o pequeno Novo Testamento no buraco que havia acabado de fazer. Olhando para cima, acrescentou:

- Quando você morre e é enterrado, é aí que você permanece, assim como esta Bíblia vai ficar até apodrecer.

Ele cobriu o buraco e deu um tapinha na terra com firmeza. Levantando-se, olhou para Josef por um longo momento.

- É isso que eu penso sobre sua ideia maluca - disse ele. - Morto é morto, e não é Jesus quem vai mudar isso.

Os meninos se viraram e se apressaram, deixando Josef sozinho com sua pequena coleção de Novos Testamentos, parado ao lado de uma pilha de terra recém-remexida.

Mas esse não é o fim da história. Não mesmo!

Muitos anos depois, quando Josef já era adulto, ele se casou e ensinava religião na Universidade de Andrews, em Berrien Springs, Michigan. Ele foi convidado para um reencontro de amigos. A maioria daqueles meninos, agora homens adultos, que o confrontaram naquela tarde de sábado muito tempo atrás estavam naquele reencontro. Durante as felizes comemorações, ele sentiu um toque no ombro.

- Oi. Eu sou Pete - disse um homem bonito com um sorriso. - Eu só queria que soubesse que você é o motivo de eu ser cristão hoje. Estou esperando muito tempo para lhe dizer isso pessoalmente.

Josef piscou de surpresa.

- Eu? - ele perguntou.

Pete deu um largo sorriso.

- Você se lembra daquela pequena confusão que você teve com um grupo quando éramos crianças?

Josef sorriu.

- A gente arrumava muita confusão naquela época.

- Essa foi diferente - continuou Pete. - Você insistiu que Jesus iria voltar e ressuscitar os mortos. Você até tinha Bíblias para entregar para provar sua opinião.

O professor concordou com a cabeça.

- Ah, sim. Eu me lembrei. Meu testemunho não deu muito certo. Um dos meninos enterrou o presente dele no campo.

- Isso mesmo - Pete assentiu. - Bem, eu estava lá. Vi tudo. E nunca consegui esquecer como você defendeu sua fé, mesmo quando o ridicularizamos e zombamos de suas palavras. Durante anos, refleti sobre o significado do seu desejo de compartilhar o evangelho com seus amigos e a cruel resposta que lhe demos. Com o tempo, cresceu em mim a convicção de que o que você disse sobre Jesus era verdade, de que Ele era de fato o Senhor de toda vida.

O estranho limpou a garganta, seus olhos começaram a se encher de lágrimas.

- Eu só queria que você soubesse que minha esposa e eu agora nascemos novamente como cristãos e dedicamos a vida a ministrar aos moradores das ruas de Los Angeles.

Josef ficou parado, pasmo. Seria possível que uma semente plantada há 40 anos tenha se enraizado, mudando a vida de um homem para sempre?

Então ele sorriu. Claro, era possível. Tudo é possível quando o Espírito Santo está envolvido.

- Louvado seja Deus! - Josef exclamou.

Em algum lugar, no solo arenoso de Wyoming, uma Bíblia descartada está apodrecendo até virar pó. Mas seu poder vive na vida de dois homens. Um que falou as palavras da verdade e o outro que as ouviu e refletiu sobre elas.

NÃO TENHA MEDO!

Às vezes, crianças e adultos mostram sua coragem usando palavras gentis e amorosas. Eles falam com confiança, mesmo que pareça que ninguém está ouvindo.

Aqui estão algumas palavras da Bíblia que devem nos ajudar a nos tornarmos testemunhas ainda mais poderosas. Como nossa história demonstrou, as palavras podem mudar vidas.

Reserve um momento agora e memorize uma destas belas citações. Você pode escolher:

- “Vocês receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão Minhas testemunhas [...] nos lugares mais distantes da Terra” (At 1:8).
- “‘Você é Minha testemunha, ó Israel!’ diz o SENHOR. ‘Você é Meu servo’” (Is 43:10).
- “Não faz sentido acender uma lâmpada e depois colocá-la sob um cesto. Pelo contrário, ela é colocada num pedestal, de onde ilumina todos que estão na casa” (Mt 5:15).
- “Não se preocupem com o modo como se defenderão nem com o que dirão, pois o Espírito Santo, naquele momento, lhes dará as palavras certas” (Lc 12:11, 12).

Seção



**“NÃO TENHA MEDO!”, DISSE ELISEU.
“POIS DO NOSSO LADO HÁ MUITOS
MAIS QUE DO LADO DELES!”**
2 REIS 6:16

5

MILAGRES DA SELVA

Byard Parks olhou bem a tempo de ver um vulto solitário saltar para dentro da selva sem fazer barulho.

“Lá vai ele”, o estudante missionário pensou enquanto colocava uma bola de futebol surrada em uma caixa organizadora. “Salomão sai da escola todos os dias, indo sabe-se lá para onde. Diz que está dando estudos bíblicos, mas ninguém sabe ao certo.”

Byard franziu a testa.

“Vou resolver esse mistério. Afinal, não vim do outro lado do mundo só para ensinar educação física.”

O jovem se apressou para sua modesta casa, pegou sua Bíblia e correu pelo pátio da escola. *“Aquele cara está tramando alguma coisa, e eu vou descobrir o que é.”*

Salomão Sumner ouviu passos correndo atrás dele.

– Vá pelos caminhos e valados¹ – ele gritou. – Isso é o que Deus ordenou.

¹ Como está em Lucas 14:23 (NVI).

Byard colocou-se ao lado do jovem, de 28 anos, e tentou recuperar o fôlego naquele ar úmido.

- Aonde você está indo com tanta pressa? - ele perguntou. - Dar um mergulho na lagoa? Visitar a cachoeira?

Salomão riu.

- Vou fazer o que nós dois viemos fazer aqui. Contar às pessoas sobre Jesus.

Ele fez uma pausa.

- Quer vir comigo?

- Claro - Byard respondeu concordando com a cabeça. - Mas não sei como testemunhar. Sou um professor, não um pregador.

- Vou lhe mostrar como se faz - foi a resposta rápida.

Após 30 minutos de caminhada, os dois saíram em uma clareira onde havia uma casa simples de madeira com telhado de zinco, asentada sobre palafitas. Porcos e galinhas corriam na sombra fresca debaixo da estrutura.

- Olá? - Salomão chamou mais alto do que os guinchos e cacarejos.

- Jesus nos ordenou ir ao mundo para apresentar a Bíblia. Podemos estudar com você?

Byard riu silenciosamente. "*Sim, claro, como se isso fosse funcionar.*"

- Por favor, entre em minha humilde casa.

A resposta veio de um morador que eles não conseguiam ver.

Os dois rapidamente subiram os frágeis degraus.

Assim foi a tarde toda. Os rapazes caminhavam até outra clareira, cumprimentavam estranhos em voz alta, eram convidados a entrar em suas casas e davam estudos bíblicos, sempre deixando uma oração ecoando nos ouvidos de seus anfitriões.

- Por que você faz isso? - Byard perguntou quando eles finalmente atravessaram as sombras da noite em direção à escola.

Salomão sorriu.

- Eu estava sentado na classe da Escola Sabatina ouvindo o professor discutir algo sobre Tiago 2 ou algum outro trecho da Bíblia. Ei, está tudo certo para pessoas mais velhas, mas ainda sou jovem. Quero ação! Então me levantei, saí da igreja, atravessei a rua correndo e bati na primeira porta que encontrei. "Bom dia", eu disse à mulher que atendeu. "Você se importa se eu estudar a Bíblia com você?"

Byard ficou admirado.

- E ela convidou você da mesma forma que os nativos desta ilha?

- Sim. Conversamos sobre o amor de Deus. Bem, eu disse à Associação Geral que queria trabalhar em tempo integral dando estudos bíblicos. Portanto, eles me enviaram aqui para a Micronésia.

Daquele momento em diante, Byard passava cada minuto disponível caminhando pela selva, seguindo seu novo amigo em missões de aventura. Em muito pouco tempo, Salomão conseguiu dezenas de novos estudos bíblicos.

Alguns dos outros estudantes missionários entraram em ação, levando violões, cartazes ilustrativos e suas vozes para lugares distantes na bela ilha de Pohnpei. Salomão e Byard até começaram cinco filiais da Escola Sabatina no alto das montanhas vulcânicas atrás da escola.

Um homem chamado Sr. Luciano estava provando ser um desafio especial para os dois missionários.

- Não gosto de ir à casa dele - Byard admitiu certa tarde enquanto se aproximavam de onde morava o homem. - Ele tem uma foto de uma mulher quase nua pendurada na parede. O diabo fica tentando me fazer olhar para ela enquanto estudamos a Bíblia.

– Entendo o que você quer dizer. Mas é a casa dele. Não há muito que possamos fazer sobre isso.

Com certeza, o grande pôster ficava do outro lado da sala enquanto eles se sentavam no chão de cimento coberto com um tapete.

– O sábado não é o sétimo dia – afirmou o Sr. Luciano perto do fim do estudo. – O domingo é o sétimo dia e a segunda-feira é o primeiro. Todo mundo sabe disso.

Byard olhou para seu colega para ver como ele responderia àquela réplica. Para sua total surpresa, ele viu que Salomão estava olhando diretamente para o cartaz.

– O que você está fazendo? – o jovem sussurrou.

Um sorriso se espalhou no rosto do instrutor bíblico.

– Sr. Luciano, o que tem naquela foto?

Byard não conseguia acreditar no que ouvia! Salomão estava pedindo ao homem da casa que olhasse diretamente para a mulher seminua.

O homem se esforçou para ficar de pé e caminhou até a imagem na parede. Ele se abaixou e analisou alguma coisa escrita espalhada pela barriga nua da mulher.

O Sr. Luciano ficou espantado, virando-se para encarar seus convidados.

– Você está certo. O sábado é o sétimo dia. Isso significa que sábado é o sábado do Senhor.

Byard olhou atordoado e em silêncio para o cartaz. Era um calendário. Então, de repente, ele entendeu a resposta do homem ao prestar atenção no que estava ali. O objeto de tamanha tentação tornou-se uma ferramenta evangelística muito incomum, porque o calendário mostrava claramente que o sábado era o sétimo dia da semana.

Certa tarde, na colina acima da aldeia, uma senhora idosa correu para cumprimentar Salomão e Byard enquanto eles passavam por lá.

– Minhas netas, minhas netas! – gritava ela, aflita.

– Qual é o problema, Mangomi? – Salomão perguntou.

– Elas têm uma doença de pele. Ah, é terrível! – a mulher lamentava.

Pela descrição que ela deu, os dois missionários sabiam que poderia muito bem ser a temível lepra.

– Por favor, orem por elas. Agora mesmo! Orem!

Os três se ajoelharam na estrada, e Salomão derramou sua tristeza ao ouvir a terrível notícia. Fervorosamente, ele orou pedindo a Deus que curasse as duas meninas.

Uma semana depois, a idosa correu para encontrá-los.

– Foi por causa de suas orações – disse ela, ofegante – que minhas netas foram curadas!

– Deus é bom! – respondeu Salomão. – Deus é bom!

Enquanto participavam de um funeral, Salomão e Byard se viram cercados por choro alto e gritos de tristeza. O homem morto jazia envolto em mantas coloridas no centro da sala. Salomão caiu de joelhos, fechou os olhos, cruzou as mãos e começou a cantar a oração do Pai-Nosso. “Pai nosso, que estás nos Céus.” O pranto diminuiu. “Santificado o Teu nome.” O silêncio tomou conta da sala enquanto todos ouviam a voz profunda e ressonante de seu visitante. “Teu reino venha, Tua vontade, na Terra e no Céu se faça.”

No instante em que ele terminou de cantar, a paz havia se estabelecido sobre a multidão enlutada, uma calma que só Jesus poderia trazer aos corações partidos.

Quando o ano letivo chegou ao fim, todos os estudantes missionários se preparavam para retornar para casa. Pouco antes de deixar a ilha, Byard procurou seu amigo Salomão. Eles se encontraram na selva que se tornou o caminho deles para testemunhar.

– Quem vai cuidar de todos os estudos bíblicos que começamos? – ele perguntou, sabendo que seu colega se mudaria para outras ilhas em breve.

Salomão olhou através da vegetação para a praia distante.

– Deus sempre tem um Eliseu – disse ele calmamente. – Alguém virá e continuará o trabalho que começamos.

Após ter experimentado tudo o que passaram no ano anterior, Byard sabia que a esperança de seu amigo se cumpriria.

Pouco depois da despedida deles, o telefone tocou no quarto da casa de Byard, nos Estados Unidos. Eram três horas da manhã. A voz na linha falava lentamente no ouvido do jovem.

– Lamento informar, mas seu amigo Salomão morreu. Ele estava conduzindo estudos bíblicos em uma pequena ilha e sofreu uma insuficiência hepática. Não conseguimos levar os remédios a tempo.

O telefone caiu das mãos de Byard. À medida que ele cambaleava em direção ao banheiro, lágrimas caíam de seu rosto. Parado em frente à pia, ele se lembrou das últimas palavras que Salomão disse para ele naquela tarde na selva. Olhando diretamente para seu reflexo no espelho, o jovem gritou em prantos e determinação:

– Byard, você é o Eliseu de Salomão.

Então ele pediu a Deus que o abençoasse para que ele pudesse agir conforme o compromisso que havia feito.

Em algum lugar, em uma pequena ilha no Pacífico Norte, uma pequena cruz de madeira guarda o lugar de descanso de Salomão Sumner, um homem que tocou a vida dos moradores de uma ilha distante e realizou mais do que ele jamais imaginaria.

Byard Parks se tornou pastor, ajudando a organizar e conduzir projetos que auxiliam igrejas a crescer. Ele ajudou a Divisão Norte-Americana na criação de programas de preparação de jovens para papéis de liderança através do trabalho voluntário. Ele atuou no lindo país da Turquia e agora está organizando projetos de capacitação ministerial no Oriente Médio.

O pastor Parks afirma que não importa o quão ocupado ele fique, ou onde seja seu lar, uma parte de seus pensamentos e orações sempre permanecerá centrada no gentil povo da Micronésia.

6

NÁUFRAGOS

Chris acordou assim que seu pai passou por ele. Ele ouviu o homem cair no chão, seguido de uma chuva de livros.

– Batemos em uma baleia?

O menino engoliu em seco. Robert Aros não respondeu enquanto tropeçava nos livros dispersos da biblioteca do veleiro e subia a escada em direção ao convés. Algo estava terrivelmente errado.

– O que aconteceu? – gritou para sua esposa, Margaret, que estava olhando para a escuridão.

O vento engoliu sua pergunta com um rugido. O barco deles ia para trás quando uma onda bateu no casco. Agarrando o timão, o homem deu várias rodadas nele. Nada. O leme não estava na água!

A lua saiu de trás das nuvens da meia-noite e iluminou o oceano com uma luz prateada suave. Agora, o homem e sua esposa podiam entender por que as ondas da arrebentação faziam tanto barulho à distância. Uma a uma, antes de se jogarem contra a embarcação, elas batiam no chão firme.

Chris apareceu na escada do veleiro.

– O que está acontecendo conosco? – ele gritou.

O Sr. Aros se virou, seu rosto estava pálido.

– Chris, atingimos um recife. Estamos presos!

A lua desapareceu atrás das nuvens, deixando os três viajantes na escuridão e no mar.

Esse deveria ser um cruzeiro dos sonhos, uma jornada pelo Pacífico Sul. O Sr. Aros, o enérgico capitão do barco, havia planejado cuidadosamente todos os cursos da embarcação. Ele, a esposa e o filho, Chris, haviam partido no *Vamonos*, um saveiro de 36 pés.

Eles tinham saído do porto de Long Beach, na Califórnia, e foram para Puerto Vallarta, no México, onze meses atrás. Depois, navegaram para baixo da Linha do Equador até as Ilhas da Sociedade e o Taiti, onde Chris ficou muito atraído pelo doce sorriso de uma certa garota taitiana.

Em seguida, Bora Bora se levantou do mar, seguida pelas montanhas de Rarotonga.

Poucos dias antes, eles haviam saído cautelosamente do estreito porto Avatiu da ilha, carregados com novos suprimentos para a viagem à Nova Zelândia. Uma vez em mar aberto, eles içaram as velas e sentiram o vento carregá-los na direção de Fiji.

Contudo, na noite de 9 de novembro de 1982, o sonho se tornou um pesadelo.

– Margaret, ligue o rádio – Chris ouviu seu pai gritar. – Envie um pedido de socorro.

A mulher mergulhou escada abaixo e entrou nos pequenos alojamentos debaixo do convés.

– Talvez ele não tenha sido muito danificado – afirmou o Sr. Aros, pegando sua roupa de mergulho de um armário próximo.

– Vamos tentar ancorá-lo – o garoto gritou por cima do ombro enquanto corria para a frente pelo convés.

Ele lançou uma corrente e observou a âncora pesada cair no bravo mar enquanto outra onda se arrastava sobre seus pés.

– Ela não fixou – anunciou Chris quando a âncora começou a rolar e ser arrastada, empurrada como um brinquedo pelo recife raso. – Devo descer e fixá-la?

– Não! – Margaret gritou do topo da escada. – Não sem um colete salva-vidas!

Encontraram rapidamente o equipamento de segurança e, em segundos, Chris e seu pai estavam se preparando para entrar nas agitadas ondas.

– O que foi? – o Sr. Aros perguntou, sentindo a apreensão da esposa.

– Você está sentindo cheiro de combustível? – perguntou ela. – Estava forte no beliche. E se...

– Vamos sair dele – disse o homem tranquilizadamente. – Comece a juntar as coisas, apenas por precaução.

Outra onda sacudiu o barco, quase derrubando o trio.

– Vamos lá, Chris – ordenou Aros.

O garoto mergulhou e encontrou um ponto de apoio no recife submerso. Seguindo a corrente, ele se afastou do barco até achar a âncora.

– É coral-cérebro – gritou Chris. – Liso e duro. Não há onde fixar.

O barco *Vamonos* se deslocou novamente, esmagando-se contra o coral. “Qual será a largura do recife?”, o Sr. Aros se perguntava. “Quanto tempo temos antes de o mar empurrar o desgastado barco sobre a borda?”

Ele caiu na água escura e agarrou a âncora de proa. Talvez isso os mantivesse firmes. Lutando contra o movimento constante das ondas, ele correu para um local a alguma distância e permitiu que o peso de quase 16 quilos afundasse no coral. Quando ele se virou, seus olhos se arregalaram.

Iluminadas por pequenos relances do luar, as velas do *Vamonos* se agitaram como um fantasma naquele vento uivante, soltando-se de

suas amarras. As ondas batiam sem piedade contra a embarcação, jogando altos jatos de água no ar. Mas a visão que parou o coração do homem nesse meio-tempo foi o casco. Ele estava partido de proa à popa, como um coco sendo preparado para uma refeição. A luz fluiu de seu interior, derramando-se pela superfície do mar.

Um poderoso odor asfíxiante encheu suas narinas. Os tubos de combustível se separaram.

– Não conseguimos ancorar o barco! – disse o Sr. Aros, tentando manter a voz calma. – Chris! Margaret! Temos que abandonar o barco.

Os dois voltaram para o deque inclinado, encontrando um caminho pela luz fraca enquanto onda após onda os atingia.

– Margaret, temos que ir – gritou o homem pela escotilha.

Ele viu água girando e subindo abaixo do convés.

– Você e Chris devem pegar o que precisam.

– Peguei comida – falou a mulher, aparecendo na base da escada – e nossos passaportes, o gráfico, os livros náuticos, uma bússola e nossa Bíblia.

– Ótimo. Vamos! – seu marido gritou. – O barco está cheio de fumaça. As luzes e baterias ainda estão ligadas.

– Eu sei, eu sei! – interrompeu Margaret enquanto levava suprimentos para o convés. – Elas podem soltar uma faísca. Estou com tanto medo!

O homem se firmou.

– Vamos, Chris, vamos entrar logo no bote.

O Sr. Aros e seu filho desdobraram a pequena embarcação de emergência de seu lugar de armazenamento acima da cabine e começaram a inflar o bote de borracha que havia sido embalado em sua capa protetora.

Enquanto Chris trabalhava na bomba de pé, seu pai pegava suprimentos freneticamente. Vendo uma grande bolsa de lona cheia de cocos, ele a levantou e começou a carregá-la ao longo do convés. Sem

emitir nenhum som, a bolsa se abriu, soltando as preciosas frutas no mar.

– O que mais, pai? – Chris perguntou enquanto jogava o bote macio ao mar.

– Pegue o velejador!

O Sr. Aros agarrou várias ferramentas de navegação de sua mesa enquanto sua esposa jogava uma fronha volumosa e recheada no bote que balançava. Eles trabalharam rapidamente, lutando contra a sensação aterrorizante de que a qualquer momento o *Vamonos* poderia explodir em um clarão brilhante, lançando-os em chamas no oceano.

– Temos que sair daqui! – o homem gritou. – Chris, suba no bote inflável e puxe o velejador. Margaret, pule. Você tem que pular!

– Bob... – ela olhou para o marido, com o medo escurecendo seu rosto normalmente alegre.

O homem fez uma pausa.

– Você tem que pular – ele repetiu, desta vez suas palavras eram suaves e encorajadoras. – Eu estarei bem atrás de você.

Margaret escorregou para o mar e desceu para o bote que a esperava. O Sr. Aros a seguiu rapidamente. Sem dizer uma palavra, ele e Chris amarraram as duas embarcações e liberaram suas conexões com o *Vamonos*. Instantaneamente, eles passaram pelo barco e se afastaram, levados pela corrente.

Olhando para trás, viram seu lindo barco se arrastando nas águas, as velas rasgadas batendo, o orgulhoso mastro sendo lançado em um ângulo vertiginoso. E, então, ele se foi. Tudo o que restava era a noite.

O oceano do sul do Pacífico parecia um cobertor cinzento enrugado enquanto o sol subia em direção ao horizonte distante, perseguindo a noite para o oeste, com sua aproximação silenciosa.

Em algum lugar, no vasto movimento das correntes e marés, um trio de viajantes sentava-se amontoado em um minúsculo bote inflável, observando o amanhecer com olhos questionadores.

Horas antes, à meia-noite, eles viram seu barco *Vamonos*, danificado e quebrado, sumir de vista, engolido pelas ondas fortes que varriam o recife de Beveridge. Agora, com o novo dia, um pensamento pesava no ar quente: *Quanto tempo eles sobreviveriam?*

– Vão ficar procurando por nós – disse Robert Aros, olhando para seu filho de 17 anos, Chris, e sua esposa, Margaret.

– Sim – disse o garoto, sorrindo. – Enviamos um pedido de socorro.

– Ah... não, não enviamos – interrompeu a mulher. – Quando desci, o rádio parou de funcionar assim que o liguei. A água havia chegado até ele. Ele não funcionou.

– Não funcionou! – Chris arfou, com uma carranca marcando seu rosto jovem.

Depois, voltou a se animar.

– Mas eles vão ficar sem o nosso *check-in* regular e o relatório de navegação na rede marítima, certo?

– Sim, eles vão – o pai assentiu. – Mas pode levar dias até que eles nos encontrem. É melhor fazermos um balanço dos suprimentos e um plano de sobrevivência.

Os três começaram a vasculhar as sacolas e outros recipientes que haviam jogado às pressas nos dois botes na noite anterior. Junto a um kit de primeiros socorros, havia um sinalizador, uma lanterna, equipamento de pesca e um dispositivo para coletar umidade do ar. Chris encontrou algumas camisas, calças e sua faca de sobrevivência. Havia três coletes salva-vidas e um recipiente com quase 20 litros de água.

– Espere aí – disse o Sr. Aros, levantando os olhos. – Onde está o almanaque náutico? Onde está a bússola?

– Sinto muito – respondeu Margaret. – Devo ter colocado eles no chão, mas não os coloquei no saco.

O homem se virou e cruzou os braços sobre o peito, cortando a conversa.

Chris não gostava quando seu pai ficava bravo. Normalmente, ele era um homem alegre, cheio de vida e de grandes ideias. Mas havia momentos em que seu pai podia ser um pouco teimoso e inflexível.

Finalmente, o Sr. Aros quebrou o silêncio.

– Temos de montar uma vela e um leme. Pelos meus últimos cálculos, estamos a leste de Tonga. Essa área do oceano tem muitas ilhas. Com a corrente indo nessa direção, devemos navegar para uma delas antes que nossa comida acabe. Mas não devemos ir para o sudoeste. Não há nada lá embaixo além de mais de 4 mil quilômetros de mar aberto.

– Isso parece bom, capitão – Chris respondeu.

Ele olhou para Margaret.

– Sim, isso faz sentido – ela disse.

– Ei, o que tem para o café da manhã? – o garoto perguntou animadamente, tentando levar a conversa para um nível mais confortável.

O Sr. Aros pegou a fronha que sua esposa havia jogado na noite anterior e olhou seu conteúdo.

– Parece que temos principalmente produtos enlatados.

– E sem rótulos – acrescentou Chris, espiando por trás de seu pai.

O homem franziu a testa.

– Nada mais? Nenhuma fruta? E um suco de laranja? As bananas?

– Eu não peguei – disse Margaret, baixinho. – Tudo o que eu conseguia pensar era no barco afundando. Eu tinha que sair rápido dali.

O Sr. Aros fechou os olhos e manteve a boca fechada por um longo momento.

– Ok, tudo bem... – disse, finalmente. – Temos 17 latas de comida, alguns amendoins e quatro pacotes de macarrão seco. Acho que levaremos de sete a nove dias para chegar a Tonga, mas é melhor estarmos seguros. Vamos dividir uma lata de comida entre nós a cada

manhã. À noite, cada um de nós pode comer sete amendoins. Se isso for feito corretamente, vai durar dez dias. Então começaremos com os alimentos secos.

– Podemos sobreviver com isso – afirmou Chris, esperançoso.

– Sim – concordou Margaret. – E temos água. Não muita, mas acho que temos o suficiente para aguentar.

A pequena família baixou a cabeça e orou; depois, abriu a primeira lata de comida.

O dia passou enquanto os três náufragos se preparavam para a jornada. Prenderam uma vela improvisada entre dois remos e a içaram. Outro remo foi preso ao bote traseiro para servir de leme.

Margaret mal dormiu naquela noite, enrolada sob a vela amarrada, tendo o marido e o enteado posicionados um de cada lado dela.

Ao amanhecer, eles guardaram alguns grãos de milho do café da manhã para usar como isca de pesca. Entretanto, nada subiu para mordiscar o lanche no meio do oceano. A fome estava começando a bater no estômago dos três marinheiros.

Chris sentou-se, observando as ondas, com um olhar distante.

– Eles irão nos encontrar – disse ele, mais para si mesmo do que para os outros.

Sem avisar, uma onda traiçoeira ergueu-se do mar sem ser vista e foi em direção aos botes. Seus movimentos eram sutis e rápidos. Antes que alguém pudesse reagir, a grande onda estava sobre eles. Como folhas diante do vento, as minúsculas embarcações viraram, jogando seus ocupantes nas ondas.

– Margaret! Chris! – o Sr. Aros gritou no instante em que voltou para a superfície.

– Papai! Aqui!

– Eu também.

Eles rapidamente endireitaram os barcos e voltaram a bordo, ofegando. Um remo se perdeu, assim como os suprimentos médicos, um par de tênis e sua única lanterna. Entretanto, a comida e a água permaneciam bem amarradas.

A vida logo se transformou em uma série de eventos simples que se tornavam cada vez mais difíceis com o passar dos dias. Todas as tardes, o vento aumentava, empurrando as ondas cada vez mais alto, sacudindo os botes, esticando as cordas que os prendiam. Manter o rumo tornou-se difícil enquanto os três se revezavam para manter a pequena flotilha indo direto para as ondas.

– Sinto muito por ter nos metido nisto – disse Aros uma tarde. – Eu deveria ter sido um navegador melhor. Não pensei que estivéssemos perto daqueles recifes.

– Ah, o que é isso, pai – disse Chris. – Não seja tão duro consigo mesmo.

– Navegar pelo Pacífico era o meu sonho, não o de vocês – rebateu o homem.

– Está tudo bem. Nós nos divertimos muito. Além disso, você ainda é o capitão. Sim, você nos meteu nisto, mas sabemos que você vai nos tirar daqui.

O Sr. Aros tentou sorrir, mas não conseguiu.

A próxima vez que uma onda traiçoeira os atingiu foi à noite. De repente, os náufragos se viram se debatendo em águas escuras como breu, lutando para respirar, sem verem nada, ouvindo apenas o barulho das águas.

meus pés, amarrando-os um ao outro. Não conseguia usar as pernas. Só os braços. Tive de segurar o remo. Foi tão difícil. Eu realmente pensei que iria me afogar.

Por um longo momento, os três ficaram abraçados, tentando apagar da mente imagens do que poderia ter acontecido.

No dia seguinte, o bote inflável começou a murchar.

Chris respirou profundamente e se segurou com firmeza ao lado do bote. Esses mergulhos repentinos no oceano estavam virando rotina. Logo que ele encontrava um lugar confortável e caía em um sono agitado, uma onda traiçoeira se levantava e quebrava sobre eles, jogando-os como lenha no oceano.

O filho olhou para o pai, que estava tentando manter-se à tona. O homem estava cheio de feridas. Seu rosto, geralmente bem barbeado, estava emoldurado por uma barba grisalha e crespa.

Chris viu Margaret lutar para chegar à superfície. A adaptação da entrada dela na família havia sido difícil para ele. No entanto, ela o conquistou com sua devoção implacável e altruísta, tanto para com seu pai quanto para com ele. Agora, juntos, eles enfrentavam algo que nenhum deles jamais havia imaginado. Eles sentiam que morreriam no mar.

Dezenove dias se passaram desde que o *Vamonos* desapareceu de vista. A maior parte da comida havia acabado. Apenas alguns macarrões secos se interpunham entre eles e a fome.

Dia vinte e um. A comida acabou. Havia pouca água fresca.

À distância, eles viram ilhas no horizonte, seduzindo-os com sua promessa de todo tipo de frutas e rios de água límpida e doce. Mas sempre

eram arrastados para fora do alcance. Algumas até se erguiam à frente, mas as correntes oceânicas se deslocavam a cerca de um quilômetro e meio da terra, levando os náufragos para longe das praias distantes, onde coqueiros balançavam no ar úmido. Em seu estado enfraquecido, o trio sabia que tentar nadar até a terra seria suicídio. E sempre havia a possibilidade de tubarões esperando logo abaixo da superfície.

Uma tarde, um novo inimigo passou a residir no bote.

– Pai!

O homem fez uma pausa, com a garrafa de água em seus lábios. O líquido quente tinha um gosto bom, muito bom. Por que aquelas duas pessoas estavam tentando impedi-lo de terminar sua bebida?

– O que você está fazendo? – perguntou Margaret.

O Sr. Aros piscou e não disse nada.

– Chris, segure ele.

O garoto segurou o pai, sentindo um choque imediato ao perceber como os braços dele estavam leves e os ossos, aparentes. Margaret facilmente tirou o recipiente de água de seus lábios.

– Quanto ainda temos? – Chris perguntou temerosamente.

– Menos de meio litro. Ele bebeu metade do que havia sobrado.

O homem olhou para o mar. Ele não sentia tanta sede agora.

No meio da manhã do vigésimo terceiro dia, eles viram algo novo à frente, algo raso na água.

– É um banco de areia – afirmou o Sr. Aros, com a respiração ofegante.

Chris analisou a faixa de terra que se aproximava, projetando-se a poucos metros da superfície do mar.

– Ei, não estamos nos desviando.

As ondas começaram a crescer. Ao meio-dia, elas estavam muito altas, empurrando o bote em um bom ritmo.

– Ainda não estamos nos desviando – anunciou o garoto, estudando a margem distante.

– A que distância estamos? – perguntou o Sr. Aros.

– Menos de dois quilômetros. A barreira ainda está bem à frente. Logo estava a 400 metros de distância. Depois, a 300 metros. Duzentos. Cem metros.

– Ainda não estamos nos desviando! – gritou Chris, tenso.

Cinquenta metros. Quinze metros. O bote começou a se mover para a direita.

– O que vamos fazer? – Margaret gritou. – Estamos tão perto!

– Isso é coral! – Chris exclamou, apontando para a água.

Seu pai olhou para o lado.

– Sim! Você consegue alcançá-lo?

Sem hesitar, o garoto pegou uma corda e mergulhou no mar à frente do bote. Margaret e o marido viram Chris sendo puxado por cima do coral, seu corpo sendo puxado pela corda enquanto ele tentava amarrá-la.

De repente, o bote parou bruscamente.

– Fantástico! – o homem gritou quando Chris surgiu acima da superfície, procurando ar. – Você conseguiu!

– Vamos chegar à terra seca! – exclamou o garoto, com mais entusiasmo do que havia demonstrado em semanas. – Quando os ventos diminuírem, vamos remar.

Durante toda a tarde, o trio ficou olhando para o pequeno trecho de areia e terra a apenas 15 metros de distância. Não havia árvores, apenas alguns arbustos. Mas era terra firme.

Será que eles teriam energia suficiente no corpo para remar os últimos 15 metros contra a corrente? Eles tinham apenas um remo sobrando. A água e a comida haviam acabado. A terrível verdade era que eles estavam morrendo.

Um telefone tocou na casa de Colin Busch, na Nova Zelândia.

– Aqui é Miller, da Equipe de Busca e Resgate.

– Alguma notícia? – ele perguntou.

A voz na linha hesitou.

– Nosso avião ficou no ar por um total de 14 horas. Eles viram os destroços de um barco do tamanho do *Vamonos* no recife de Beveridge. Ele estava bem destruído. Não era possível avistar o nome. Então revistaram a área geral entre o recife e Fiji. Se houvesse alguém tentando chamar a atenção da equipe de avião, teria sido visto.

– Compreendo.

– Autorizei uma varredura de cinco horas amanhã de manhã. Isso é tudo que posso fazer por enquanto. Quero encontrar seus amigos, Sr. Busch.

– Obrigado, Sr. Miller – disse Colin. – Eu agradeço.

O homem desligou o telefone e olhou para a esposa. Ele balançou a cabeça lentamente, depois pegou o microfone do rádio. Muitos outros aguardavam notícias da família Aros. Mais uma vez, ele teria que dizer a eles que ainda estavam perdidos no mar.

Naquele momento, acima de uma pequena faixa de terra a muitos quilômetros de distância, uma esbelta andorinha-do-mar rodeava no ar quente do entardecer enquanto voltava para se empoleirar sobre sua ninhada de ovos. Antes de pousar, ela teve um vislumbre de uma visão curiosa na praia.

Com batidas poderosas de suas asas, a andorinha-do-mar ergueu-se no ar e pairou por um momento. Abaixo dela, na areia, havia três

formas deitadas imóveis na água rasa. O pássaro não parou para investigar, pois os objetos pareciam não oferecer perigo.

Satisfeito, o pássaro voltou ao ninho e se preparou para a noite.

Chris abriu os olhos e admirou o céu. Ele esteve sonhando com um lugar cheio de comida, risos e a reconfortante sensação de segurança.

Enquanto voltava para a realidade, sentiu a areia quente e seca pressionando sua pele. Que sensação maravilhosa após semanas balançando no bote sempre molhado e em movimento!

Um pássaro voava no alto, olhando para ele de uma corrente de ar. Normalmente, o garoto admirava essas criaturas por sua beleza e canto. Mas agora, depois de dois dias no recife, bandos de pássaros tinham apenas um atrativo: eram fontes de alimento.

O garoto franziu a testa e se ajeitou para poder ver seu pai deitado por perto sob a sombra do bote inflável que havia sido escorado por um pedaço de madeira flutuante. O homem parecia morto. Mas não estava, ainda.

Silenciosamente, Chris levantou-se e foi para os locais de nidificação perto do banco de areia. Ele queria pegar alguns ovos. Ele sentia que poderiam comer tudo o que encontrassem e ainda sentiriam fome.

Quando voltou, deixou cair sua coleta na areia e deitou-se ao lado dela. Depois de um longo momento, ele falou:

– Não quero ir. Não quero deixar este pedacinho de terra.

Margaret olhou para ele enquanto seu marido se apoiava em um cotovelo e tentava sorrir.

– Eu sei, filho – disse o homem. – É tão quente e confortável aqui em comparação com o bote.

O Sr. Aros limpou a garganta, tentando adicionar umidade à sua língua.

– Pense no que você está dizendo, Chris. Não é nada confortável aqui. É uma rocha de coral estéril coberta de xisto e areia, não é uma coisa com vida. Está morta, assim como ficaremos se permanecermos aqui.

O garoto estremeceu ligeiramente.

– Tenho medo de sair para o mar aberto de novo.

Margaret se acomodou ao lado do adolescente e colocou uma mão reconfortante em seu ombro enquanto o marido continuava.

– Olhe lá longe, Chris – disse ele, apontando. – Está vendo aquelas outras ilhas? Elas são vida! Elas são a vovó, o vovô e seus amigos da escola. Elas são sua chance de crescer e fazer o que você quiser. Elas são sua esposa e filhos. Elas são músicas e risadas.

Chris baixou o olhar.

– E se não conseguirmos?

Margaret gentilmente pressionou a testa contra a dele.

– Então vamos apenas adormecer. Um sono tranquilo e esperar pela ressurreição.

Ela tirou as mechas de cabelo dos olhos dele.

– O que você me diz, Chris?

O garoto assentiu lentamente.

– Eu digo... que tudo bem.

Ele pegou a mão dela e deu um aperto suave. Ele fez o mesmo com seu pai. A decisão foi tomada por todos. Eles partiriam novamente em busca de vida além do banco de areia. Os três sabiam que esse seria o esforço final deles.

Leonard Tolhurst ajustou o apoio de mão no parapeito da grande lancha a motor e observou o movimento do mar além da proa. Ele escolheu esse caminho porque o coral era profundo o suficiente para

impedir que as ondas quebrassem. Mais adiante, um pequeno banco de areia que os nativos chamavam de NuNuku esperava sua chegada.

Ele olhou para os outros cinco na embarcação, todos fijianos e cristãos adventistas do sétimo dia, como ele. Eles estavam passando um dia relaxante procurando conchas e se aquecendo sob o sol quente de dezembro.

O Dr. Tolhurst, um professor de teologia, nem sequer planejava incluir aquele trecho específico do mar no passeio daquele dia. Mas os itinerários mudaram no último minuto. Alguns anos atrás, um aluno havia anilhado alguns pássaros naquela área e estava curioso para saber quantos ainda restavam. Então, pensando muito nas conchas e pássaros anilhados, o homem ergueu seu binóculo e examinou o banco de areia próximo.

De repente, um dos fijianos se ergueu ligeiramente.

– Estou vendo alguém – ele relatou.

Os outros observaram a faixa distante de terra, franzindo a testa.

– Talvez haja caçadores japoneses lá – sugeriu um deles. – Eles podem ser perigosos se os pegarmos fazendo algo ilegal.

Leonard mudou de posição para enxergar melhor.

– Seja lá o que for ou quem quer que seja, está fazendo os pássaros voarem. Consegue ver?

Uma pequena nuvem de andorinhas-do-mar havia surgido na extremidade norte do banco de areia, e os pássaros pairavam sobre as ondas, aparentemente assustados com algo logo abaixo.

Margaret virou-se bruscamente.

– O que é aquilo? – ela perguntou em voz alta.

Chris olhou na direção que ela apontava. O som de um motor distante pairava no ar quente.

– É um barco! – a mulher gritou.

Ela e Chris pegaram seus coletes e começaram a correr pela praia, acenando para eles, gritando com toda a força. Eles viram o navio se desviando.

– Será que eles não estão nos vendo? – ela gritou, com desespero em suas palavras.

Em seguida, lentamente, o barco começou a virar. Depois de um tempo, ele foi direto para a família encalhada. Alguém acenou da lancha.

Leonard não podia acreditar no que via. Duas figuras estavam pulando e se abraçando na praia. Mais acima no banco de areia, ele notou um bote virado apoiado em um ângulo.

– Essas pessoas estão com problemas – exclamou Leonard quando a lancha parou na areia da praia.

Um adolescente com roupas rasgadas e esfarrapadas correu até o barco, seu rosto estava magro e semelhante a couro, mas radiante com um sorriso.

Ao pisar na areia, Leonard viu uma mulher correndo a toda velocidade em sua direção. Ele ficou preocupado de que ela o derrubasse, mas ela conseguiu parar e agarrar seu braço.

– Graças a Deus que você veio! – ela disse, ofegante, com as mãos tremendo. – Temos orado por isso. Onde estamos? Fiji? Talvez Tonga. Nosso barco afundou há 26 dias. Estávamos à deriva.

O Dr. Tolhurst agarrou a mão da mulher.

– Você precisa de água.

À distância, ele viu um homem deitado sob o bote escorado, fraco demais para se mover. Ele estava só pele e osso, coberto de feridas e terrivelmente queimado pelo sol.

– O que vocês estão fazendo aqui? – a mulher perguntava, com uma empolgação ofegante.

– Estamos de férias – explicou o Dr. Tolhurst – apenas coletando conchas e caçando pássaros anilhados.

A mulher quase pulou de alegria.

– Vá em frente e faça o que veio fazer. Aproveite seu passeio. Depois nos leve de volta quando você for, tudo bem?

Leonard ergueu a mão.

– Isso é uma emergência. Temos de levá-los às aldeias o mais rápido possível. Deixe-me pegar um pouco de comida e água na lancha.

Ele balançou a cabeça.

– Agora entendo que Deus nos trouxe aqui para encontrar vocês. Eu estava planejando estar em outro lugar hoje. Mas não se preocupe, tudo ficará bem. Cuidaremos de vocês.

Margaret e Chris correram de volta para o pequeno abrigo e levantaram o Sr. Aros nos braços. O homem olhou para sua família sorridente e viu que eles, assim como ele, estavam chorando. Contudo, algo curioso acontecia. O corpo deles não tinha mais umidade para formar lágrimas. Mesmo sem elas, a alegria deles era completa. O terror havia terminado. A fé os ajudou e eles foram salvos.

NÃO TENHA MEDO!

Às vezes, precisamos de uma promessa bíblica poderosa para nos ajudar a passar por tempos difíceis. Podemos não naufragar tão cedo, mas ainda podemos enfrentar desafios que testam nossa escolha de acreditar na mão protetora e na orientação amorosa de Deus.

Agora é a hora de se preparar para esses acontecimentos preocupantes. Escreva um ou dois dos seguintes textos em um pedaço de papel firme e coloque-o onde você possa vê-lo todos os dias. Seja criativo. Faça ilustrações coloridas, se desejar. São palavras poderosas. A gente nunca sabe quando poderá precisar delas!

- “O SENHOR é minha luz e minha salvação; então, por que ter medo? O SENHOR é a fortaleza de minha vida; então, por que estremecer?” (Sl 27:1).
- “Em paz me deitarei e dormirei, pois somente Tu, SENHOR, me guardas em segurança” (Sl 4:8).
- “O SENHOR é bom; é forte refúgio quando vem a aflição. Está perto dos que Nele confiam” (Na 1:7).
- “Pois és meu esconderijo; Tu me guardas da aflição e me cercas de cânticos de vitória” (Sl 32:7).

7

CORAJOSO DE VERDADE?

Aquele era um lugar diferente de qualquer outro na Terra. Cada quarto da antiga casa havia se transformado, como em um passe de mágica, em uma selva, pradaria ou em uma densa e escura floresta habitada por criaturas estranhas e maravilhosas.

Papagaios, periquitos e mainás voavam de altos poleiros enquanto répteis deslizavam dentro de recintos cuidadosamente construídos. Esquilos voadores espiavam de galhos retorcidos enquanto peixes fluavam levemente em tanques borbulhantes.

Os sons primitivos que se erguiam da inquieta coleção de animais selvagens eram música para os ouvidos de George Gulla, orgulhoso proprietário do *Snyder's Pet Store*, em Riverside, Califórnia. Eles também eram música para um de seus clientes mais fiéis, Curtis Wright, de 11 anos.

– Você veio para comprar outro dos meus incríveis *Birmingham Rollers* para sua coleção? – perguntou o Sr. Gulla, com um sorriso de boas-vindas ao seu jovem amigo que entrava na loja, certa tarde.

O homem ajustou os óculos de aro redondo e dirigiu-se para os fundos do estabelecimento, onde gaiolas de pombos arrulhavam à sombra fresca.

- Hoje não - disse Curtis. - Estou aqui para comprar ele.

O menino apontou para uma porta aberta.

- Sério? - o gerente da loja ficou admirado. - Seus pais concordam com isso?

- Ei - disse Curtis dando de ombros, sem fazer contato visual com o Sr. Gulla -, estou sempre levando animais para casa. Temos cobras, lagartos, pássaros, todos os tipos de criaturas em nossa propriedade. Acho que mais um não fará diferença. Além disso, posso lidar com ele. Sou um corajoso amante da natureza. Nada me assusta.

O Sr. Gulla franziu a testa.

- Tudo bem - disse ele -, mas esse não é um animal de estimação comum. Ele é especial. Você precisará de ajuda.

O garoto balançou a cabeça.

- Eu consigo dar conta dele. Você vai ver.

Curtis lutou com uma pequena caixa de alimentos que continha seu ocupante bem escondido no banco de trás do ônibus da cidade. Logo eles chegariam a La Sierra, onde a casa dos Wright os esperava, localizada no alto de colinas secas e ondulantes.

Naquela noite, Curtis não conseguia dormir. Ele só pensava no recém-chegado que agora estava escondido em segurança no porão, em uma área raramente visitada por outros membros da família. Ninguém havia lhe dado permissão para comprar o animal. Entretanto, ele havia feito animais de estimação de tudo o que voava, trotava, cavava ou deslizava no raio de mais de um quilômetro de sua casa, no campo. Agora, ele queria conhecer uma criatura da longínqua América do Sul.

– Aii!

Curtis tirou o braço da gaiola e recuou com as marcas de dentes pontilhadas em seu polegar.

– Fique calmo! – disse. – Era para você comer o que está na minha mão.

Olhos escuros o encaravam de um cenário de pelo branco. A pelagem de cores vivas do pequeno animal com manchas de cinza, laranja e marrom dava a ele uma aparência quase de palhaço.

– Você vai gostar daqui – disse Curtis enquanto tentava novamente passar uma banana pelas grades.

A criatura agarrou o braço do menino e mordeu com força.

– Aaaaaaaaiiiiiiiiiiiiiiii! – gemeu Curtis. – Acho que você vai ser um desafio maior do que eu pensava. Mas, se eu consegui fazer amizade com um monstro-de-gila, consigo fazer amizade com você.

O menino sentou-se, olhou para o integrante secreto de seu zoológico particular e deixou os pensamentos vagarem. Dois anos antes, ele vivia nos limites dominados pelo crime de Compton, uma cidade ao sul de Los Angeles. Ele havia visto armas sacadas do lado de fora de sua porta, ouvido sirenes soando à noite e experimentado o preconceito na pele. A mãe e o pai dele, que recentemente haviam se tornado adventistas do sétimo dia, tomaram uma decisão. Eles se mudariam da cidade, longe dos perigos que espreitavam as ruas, para um lugar onde o único som que perturbava a noite era o pio de uma coruja ou o uivo de um coiote selvagem.

Desde que eles se mudaram, ocorreram ainda mais mudanças. Curtis e seu irmão não podiam se juntar ao time local da *Little League*, sair com os amigos, comer carne ou fazer as coisas de sempre nesse novo dia de “sábado” sobre o qual seus pais sempre falavam. Mas havia algumas coisas novas que eles “podiam” fazer. Eles *podiam* trazer amigos para casa quando seus pais estivessem lá para supervisioná-los. *Podiam* fazer músicas em vez de apenas ouvi-las. E eles *podiam*

ter animais para cuidar, incluindo Dusty, um cavalo prometido a eles antes da mudança.

– Queremos que vocês aprendam lições da natureza, não das ruas – disseram seus pais.

Agora, sem que seus pais soubessem, uma dessas lições encarava Curtis de dentro de um box de chuveiro raramente usado.

Depois de mais alguns dias de encontros dolorosos, Curtis decidiu que seu amigo relutante precisava dar um passeio ao sol quente. Talvez o ar quente e seco e as flores perfumadas do deserto o acalmassem. Assim, com uma coleira de cachorro firmemente colocada e uma guia bem presa, o menino e o macaco-de-cheiro se aventuraram a sair do porão, com esperança de não serem vistos.

Tudo correu bem até chegarem ao fim da entrada da garagem. De repente, o animal esticou a mão e se soltou. E simplesmente sumiu. Curtis perdeu o fôlego. Como um macaco pode desaparecer tão rápido? Com um crescente desespero, ele procurou dentro de cada buraco de esquilo, subiu em cada árvore próxima e examinou cada pedaço de terra a uma curta distância. Mas seu amigo peludo havia desaparecido.

– Curtis?

O menino ouviu alguém chamando seu nome. Olhando para a casa, ele viu a mãe parada na porta da frente, balançando a cabeça.

– Talvez a natureza esteja tentando lhe ensinar uma lição – disse ela. – Talvez um menino não devesse apenas pedir permissão antes de fazer algo como comprar um animal selvagem, mas também pedir ajuda. O que você acha?

Curtis abaixou a cabeça e a balançou lentamente.

– Sim, mamãe – ele respondeu.

O macaco nunca mais voltou, e Curtis Wright aprendeu algo importante. Certas atitudes não têm nada a ver com ser corajoso de verdade. A natureza tem muito a ensinar a um ex-menino da cidade, e tentar aprender isso sozinho pode ser uma péssima ideia.

Seção



**[O SENHOR] DÁ FORÇAS AOS CANSADOS
E VIGOR AOS FRACOS.**
ISAÍAS 40:29



PICADA DE COBRA

Philip encostou-se na porta do carro.

– Preciso chegar em casa, agora! – falou consigo mesmo.

Sua perna não estava apenas inchando, mas também perdendo a sensibilidade.

A neblina matinal que o cumprimentara horas antes parecia um reflexo de seus sentimentos. Até a lama viscosa que entupia o lago combinava com suas emoções nesse momento. E daí que ele acabou de se formar na faculdade? E daí se ele passou anos tentando ajudar os outros? Até mesmo seu trabalho para a igreja local parecia inútil para ele agora.

– Deus – ele clamou ao lado das águas. – Tenho algum valor? Será que minha vida não conta para nada?

Foi quando ele ouviu o zumbido.

– Abelhas! – ele se espantou, percebendo um arbusto próximo cheio de insetos. – Por favor – sussurrou um rápido complemento à sua oração –, não me deixe ser picado. Sou alérgico.

As abelhas aparentemente não ouviram o apelo de Philip e começaram a investigar o estranho que estava por perto. Recolhendo seu apetrecho de pesca, o visitante correu, seguindo uma trilha estreita, tentando manter o equilíbrio nas pedras escorregadias.

Foi quando algo atingiu seu tornozelo.

– Tem sangue aí embaixo – seu irmão o avisou ao chegar em casa.

– Acho que você foi picado por uma cobra!

– Você está certo – o médico do pronto-socorro confirmou no instante em que chegaram ao hospital. – Mas há um problema: seu exame de sangue diz que você é alérgico ao nosso soro antiofídico. Podemos diluí-lo com soro fisiológico, mas não será muito eficaz. Não há mais nada que possamos fazer.

Naquela tarde, exatamente às seis horas, as convulsões começaram.

– Não consigo sentir nada em lugar nenhum – lamentou Philip, perdendo a consciência.

A última coisa de que ele se lembrava era de sua mãe gritando pelo médico.

Na manhã seguinte, sua perna estava grotescamente inchada.

– O fluxo de sangue parou abaixo do joelho – disse um cirurgião.

– Precisamos amputar.

– Não! – Philip gemeu. – Não tire minha perna!

Um tubo de drenagem foi inserido, seguido por um envoltório de água quente e um molde rígido. A perna de Philip foi colocada em alta compressão. À medida que a dor se intensificava, as esperanças do jovem paciente diminuía. Ele acreditava que Deus o havia abandonado para sempre.

Foi aí que as pessoas começaram a vir: jovens e idosos. Todos com rostos sorridentes e palavras encorajadoras. Alunos, colegas de classe, professores, líderes comunitários e religiosos – o desfile parecia interminável.

– Você nos ajudou – diziam.

- Você me deu seu tempo e atenção.
- Você fez a diferença na minha vida.
- Você me encorajou quando ninguém mais conseguia.

Até o médico responsável pelo hospital apareceu tarde da noite. Philip notou que ele parecia perturbado.

- Meu amigo foi morto recentemente - relatou o homem. - Violência urbana.

- Nem todo mundo é mau - insistiu Philip. - Trabalho com dezenas de pessoas dedicadas e atenciosas. Deixe-me contar sobre elas. Talvez elas possam ajudá-lo com sua dor.

Quando ele terminou, a tristeza do médico havia se transformado em uma hesitante esperança.

Dez dias depois, Philip voltou para casa com as duas pernas ainda firmemente comprimidas. Se perguntar a ele o que aconteceu, ele mencionará a picada de cobra. Seu rosto se iluminará ao se lembrar de como Deus respondeu à sua oração, mostrando-lhe os sorrisos daqueles que o ajudaram a ver que a vida tinha valor e do médico que, sem saber, o forçou a lembrar que o mundo está cheio de coisas boas, mesmo quando vistas de uma cama de hospital.

Deus nunca abandona as pessoas que falam com Ele ou que falam sobre Ele para os outros. Ele oferece coragem quando tudo parece perdido. Ele oferece luz na escuridão.

9

BALAS, BOMBAS E BÊNÇÃOS

O médico missionário George Rue desceu os degraus da frente de um edifício pequeno e robusto que ele ajudou a projetar e construir. O Sanatório e Hospital de Seul, situado no topo de uma pequena colina ao norte da capital da Coreia do Sul, testemunhava de seu amor pelo ministério da cura. Ele tinha orgulho de servir como diretor daquela instituição.

Caminhando do hospital para sua confortável casa ali perto, ele não pôde deixar de sentir uma crescente sensação de mal-estar. O ano era 1950.

– Eles vão voltar – disse sua esposa, Grace, durante o café da manhã. – Os comunistas não ficaram muito satisfeitos com o fato de as forças das Nações Unidas os expulsarem após terem ocupado a cidade no início deste ano. Agora o inimigo está mais forte e mais bem equipado. Foi um banho de sangue. Desta vez...

A mulher hesitou pensando nos últimos sete meses, quando os horrores da guerra se tornaram uma realidade para os cidadãos de

Seul e os dedicados obreiros do pequeno, mas promissor, hospital. Embora George e Grace tivessem escapado da primeira ocupação dos norte-coreanos, outros da equipe que estavam na instituição não tiveram tanta sorte. Muitos funcionários passaram semanas escondidos nas colinas, indo de um lugar para outro, comendo o que conseguiam encontrar. Vários foram forçados a se juntar ao exército ocupante. Muitas enfermeiras foram sequestradas. Cinco amigos queridos foram mortos e outros continuavam desaparecidos.

– Desta vez será pior para todos – concluiu ela solenemente.

George concordou.

– Estamos reduzidos a apenas 15 funcionários no hospital – disse ele com um suspiro cansado. – Já enviei todos os que sobreviveram à primeira ocupação para o sul, para Pusan, onde as forças americanas ainda estão no controle. Teremos de depender do Senhor como sempre temos feito. Afinal, este hospital é Dele.

No dia seguinte, 1º de janeiro de 1951, a espera pelo retorno da guerra terminou quando um fluxo constante de caminhões militares começou a chegar ao hospital. Dentro deles, estavam soldados sul-coreanos horrivelmente feridos que precisavam de atenção imediata. O inimigo estava indo para o sul mais uma vez, jogando tudo o que tinha contra os defensores em menor número. Simultaneamente, da embaixada dos Estados Unidos, uma notícia chegou a George: “O inimigo está em movimento. Saia daí. Saia agora!”

– Vocês escutaram isso? Vocês escutaram? – uma voz assustada ecoou pelo corredor do hospital.

– Escutou o quê?

George colocou a cabeça para fora de uma sala de exames para ver uma enfermeira correndo em sua direção.

– Os norte-coreanos e seus aliados chineses estão planejando executar todos os cristãos que encontrarem enquanto se movem para o sul – disse ela, com as mãos trêmulas. – Ah, Dr. Rue, estou com tanto

medo. Sou cristã. Você é cristão. Eles estão vindo para nos matar! O que faremos?

- Nós vamos embora - afirmou o homem.

- Como? - indagou a enfermeira. - Todos os vagões de trem, aviões, carroças estão cheios de pessoas fugindo do inimigo que se aproxima. Não há espaço para mais ninguém.

George caminhou com a enfermeira assustada em direção ao seu escritório.

- Fiz acordos com os militares para que Grace e a chefe de enfermagem, srta. Robson, saiam do aeroporto de Gimpo imediatamente - ele afirmou. - Vou ficar para trás e fechar as coisas aqui no hospital. Depois, o embaixador americano me disse que um comboio está sendo formado para ir para o sul com os obreiros americanos que restarem na cidade. Podemos colocar nossos 15 funcionários e alguns outros membros da família no jipe e na caminhonete do hospital e nos juntar a eles. Receberemos documentos especiais e adesivos de para-brisas que nos permitirão cruzar a ponte flutuante militar sobre o rio Han, ao sul de Seul. O comboio receberá proteção das forças americanas enquanto dirigimos para Pusan. É nosso único meio de fuga.

- Mas, doutor - protestou a enfermeira. - Há muitos outros que precisam sair. Muitos mais.

- Eu sei - George admitiu tristemente. - Mas não há nada mais que eu possa fazer.

Naquela tarde, o Dr. Rue parou na faculdade próxima que, como o hospital, pertencia à Igreja Adventista do Sétimo Dia e era administrado por ela. Ele viu grupos de moradores locais ocupados carregando equipamentos e suprimentos escolares, itens que ele sabia que mais tarde seriam usados para trocar por comida. Ele perguntou a um homem como os alunos e professores planejavam fugir do exército que se aproximava.

- Oh, eles já foram embora - foi a resposta apressada.

– Como? – George perguntou, correndo para acompanhar o assustado coreano. – Os trens estão cheios e nenhuma companhia aérea regular está voando.

O homem apontou para o sul.

– Foram andando – disse ele.

– Até Pusan? – o Dr. Rue se espantou. – Fica a mais de 300 quilômetros de distância!

O homem deu de ombros e seguiu pela estrada com sua coleção de suprimentos abandonados; ele tinha uma família para proteger.

Como George havia prometido, o restante da equipe do hospital e vários outros foram no comboio de veículos organizado pelo consulado americano. George se juntou a eles em seu veículo pessoal exatamente às 17h45, no rio Han. A hidrovia estava obstruída com gelo flutuante que ameaçava danificar as pontes que sustentavam a única estrada segura. A ponte original havia sido destruída por bombas no início daquele ano. Mais de 100 mil soldados com equipamento pesado sufocaram as ruas da cidade enquanto o medo tomava conta da nação. As forças militares sul-coreanas receberam ordens de atirar para cima se os civis se recusassem a sair do caminho. Se isso não funcionasse, os soldados eram instruídos a baixar a mira e atirar neles na mesma hora.

Os veículos da embaixada finalmente cruzaram o gelado rio Han por volta das dez horas daquela noite. George foi o último de seu grupo a fazer o perigoso trajeto. Às seis horas da manhã seguinte, o exército norte-coreano reentrou e retomou Seul.

A cidade de Pusan foi transformada pelo tremendo afluxo de refugiados do norte. O Dr. Rue e sua equipe (agora com força total) faziam o que podiam com o que tinham. Eles até conseguiram abrir uma clínica

na ilha vizinha de Cheju, onde a ajuda médica era desesperadamente necessária para os muitos refugiados, incluindo 5 mil missionários cristãos, levados para lá por navios militares por segurança.

Certo dia, Grace teve certeza de quão ruim a situação havia se tornado em Pusan. Ela correu para encontrar seu marido.

– George, George – chamou ela –, acabo de ouvir uma notícia terrível no rádio. Uma mulher teve um bebê.

– E...? – George disse com uma risada. – Isso acontece o tempo todo.

– Não – disse Grace, balançando a cabeça. – Você não entende. Ela deu à luz debaixo de uma ponte. Debaixo de uma ponte. Não havia vaga no hospital. Não havia vaga em nenhuma das clínicas da região. Essa pobre mulher refugiada teve de encontrar abrigo debaixo de uma ponte para trazer seu precioso filho ao mundo.

Lágrimas brotaram em seus olhos.

– Isso não está certo, George. As crianças merecem uma chance de lutar para sobreviver aos seus primeiros dias na Terra. Temos que fazer alguma coisa. Temos que fazer algo!

Seu marido assentiu lentamente.

– E nós vamos – ele respondeu. – Com a ajuda de Deus, evitaremos que isso aconteça novamente.

Assim começou outro capítulo na vida de George e Grace Rue. O que aconteceu nos meses seguintes não apenas salvou muitas crianças recém-nascidas, mas também favoreceu uma cadeia de eventos que atingiria toda uma geração de coreanos cansados da guerra.

– Um celeiro? Você quer colocar nosso hospital em um celeiro?

Membros da equipe médica do agora deslocado Sanatório e Hospital de Seul se reuniram em torno de seu líder, Dr. George Rue, e o pressionaram para obter mais detalhes.

– Quando soubemos que o prefeito de Pusan havia se oferecido para nos ajudar a encontrar um local adequado para começarmos a atender os milhares de refugiados que inundam a cidade – disseram –, pensamos que ele nos ofereceria um prédio do governo ou pelo menos uma casa grande e bonita. Mas um celeiro?

– Não se preocupem – disse George, com seu sorriso familiar. – Há uma grande sala que pode acomodar cerca de 20 pacientes adultos.

– Bem – disse um do grupo com um suspiro –, acho que é melhor do que ficar do lado de fora.

George se encolheu, e ninguém sabia exatamente o porquê até chegarem de malas na mão ao local. Eles encontraram o prédio exatamente como George o havia descrito, com uma característica importante que ele não mencionou. A instalação em que eles deveriam tratar de ferimentos, doenças e germes era de chão de terra. No entanto, oferecia um certo grau de abrigo contra o frio cortante e, em sua maior parte, era relativamente bem construída. O melhor de tudo: não seria um alvo para aeronaves inimigas. Não ainda.

– Vamos colocar a unidade de raios X aqui, e o laboratório pode ser montado ali – disse George aos membros da equipe, guiando-os pela estrutura envelhecida. – Não é chique, mas vai servir.

A equipe médica foi direto ao trabalho, colocando “paredes” nos vários departamentos de seu “hospital”, usando cortinas penduradas em longas cordas. O equipamento foi cuidadosamente transportado da caminhonete para o celeiro, e logo os remédios estavam arrumados em prateleiras construídas às pressas onde antes as vacas costumavam dormir à noite. Um forno de metal à lenha servia como uma fonte escassa de calor, e uma fogueira de carvão fazia o possível para acionar o esterilizador de pressão para o pequeno conjunto de instrumentos cirúrgicos da sala de cirurgia.

Durante uma pausa nas atividades, George olhou para sua equipe médica e balançou a cabeça.

“Vocês teriam que ver para acreditar”, escreveu ele mais tarde naquele dia para amigos na América. “Tudo o que essas pessoas têm são os poucos itens que conseguiram levar consigo do norte. Apesar da perda e do sofrimento extremo pelo qual passaram, ouve-se pouca reclamação. A coragem deles é grande e eles são gratos ao Senhor por lhes ter poupado a vida.”

Logo, a filial de Pusan do Sanatório e Hospital de Seul estava aberta para o funcionamento. Apareciam cerca de 250 pacientes por dia em busca de ajuda; a maioria dos casos era de maternidade, bem como um fluxo constante de emergências, que George e seus colegas médicos recebiam com entusiasmo. O Dr. Rue usava uma antiga mesa de cirurgia, um esterilizador portátil para seus instrumentos e um banheiro para se lavar.

Certa vez, enquanto ele realizava uma cesariana em uma mulher que havia caminhado três quilômetros em busca de ajuda, a eletricidade que alimentava seu pequeno aquecedor elétrico falhou. O frio de -12°C lá fora logo entrou, e George descobriu que não conseguia mais sentir seus dedos. Um cirurgião sem sentir os dedos coloca seu paciente em um verdadeiro perigo. Entretanto, ele descobriu algo incrível. Enquanto ele mantivesse as mãos ocupadas dentro do abdômen aberto da mulher, seus órgãos corporais, músculos e sangue fluindo livremente forneciam o calor necessário para manter seus dedos trabalhando. Uma hora depois, ele deu seu último ponto na mulher enquanto louvava a Deus por sua paciente inconscientemente ter dado tanto quanto ela havia recebido.

Com o tempo, George e sua equipe trabalhadora e dedicada fariam o parto de 3.500 bebês no que todos chamavam carinhosamente de velho celeiro. Contudo, trazer recém-nascidos ao mundo era apenas parte do que o Dr. Rue realizava em Pusan.

– Por que você está sorrindo? – perguntou uma das enfermeiras a uma colega de trabalho enquanto preparavam uma paciente para um procedimento cirúrgico agendado.

– Algo de que me lembrei – disse a colega, sem conseguir tirar o sorriso do rosto.

– Vamos – a enfermeira insistiu. – Você tem que me dizer qual é a graça.

– Não é nada de mais – veio a resposta. – Mas você precisa guardar segredo. Eu não acho que o Dr. Rue quer que muitas pessoas fiquem sabendo disso.

– Sabendo do quê? – a enfermeira pressionou.

– Sua colega olhou ao redor da sala.

– Parece que nosso bom médico estava andando por uma rua ontem e viu um senhor puxando uma vaca por uma corda.

– E?

– E ele notou que a vaca, coitada, havia travado uma briga com uma cerca de arame farpado. A cerca havia vencido. O animal ficou terrivelmente ferido. Havia grandes cortes na carne e sangue pingando.

– Que nojo! – disse a enfermeira.

– Que nojo! – repetiu a paciente que elas estavam atendendo.

A contadora de histórias olhou para a senhora na mesa e depois para a enfermeira.

– Bem, o Dr. Rue percebeu que a vaca poderia ser a única posse terrena do homem e, provavelmente, a única fonte de leite da família.

– É triste, mas é verdade – concordou a enfermeira.

– Pobre vaca – suspirou a paciente.

– Então o Dr. Rue instruiu o fazendeiro a permanecer onde estava e saiu correndo. Logo ele voltou com alguns instrumentos e duas enfermeiras. Então, acredite ou não, ali na rua mesmo, com um monte de gente aglomerada assistindo, nosso querido Dr. Rue suturou a vaca,

com todo o capricho. Ele disse às enfermeiras: "Ao tratar a vaca desse homem, acabamos de tratar toda a sua família."

– Parece que o bom homem é cirurgião, administrador e também veterinário. Eu gostaria de ter visto isso!

A enfermeira concordou com a cabeça.

– Esse é o nosso Dr. Rue! – ela exclamou, com um sorriso cheio de orgulho.

Alguns meses depois, Grace e a equipe médica se reuniram em torno de seu líder no momento em que ele voltou de uma longa viagem.

– Está uma confusão – disse ele, balançando a cabeça lentamente de um lado para o outro. – O exército norte-coreano realmente se mudou para o norte novamente, longe de Seul. Mas, enquanto eles estavam na cidade, causaram danos inacreditáveis. Nossa escola e nossas instalações hospitalares sofreram muito.

Lamentos escaparam dos lábios de seus ouvintes. Ele estava falando sobre a cidade deles, suas casas, seu precioso hospital.

– No entanto, a maioria de nossos edifícios médicos ainda está de pé – continuou George. – Tudo foi saqueado, não deixaram remédios, lençóis, cobertores, travesseiros ou colchões.

Então todos puderam ver um pequeno sorriso surgir nos cantos de seus lábios.

– Mas nossa grande máquina de raios X, a mesa de cirurgia e o esterilizador principal estão intactos, bem como as cadeiras odontológicas, armários e até mesmo nossos dois grandes geradores. Em outras palavras...

Todos esperaram para ouvir o que seria dito.

– Em outras palavras, podemos reconstruir. Meus amigos, logo iremos para casa!

Quatro meses depois, as portas da frente do Sanatório e Hospital de Seul se abriram novamente.

– Os comunistas podem ter destruído nossa cidade – anunciou –, mas o inimigo não conseguiu destruir o que é mais importante: nossa coragem e nosso espírito cristão.

Para Grace, a volta ao lar foi um choque de outro tipo. Vagando pelas ruas da cidade destruída estavam milhares de crianças cujos pais haviam sido mortos durante os combates. Quem as salvaria? A resposta a essa pergunta mudaria a vida dela e se tornaria parte da orgulhosa história da Coreia do Sul.

– *Você pegar! Você pegar e enviar para o país do pai!*

O rosto da visitante parecia bravo, e Grace sabia que não havia como discutir com ela. Em seus braços estava um bebê preocupantemente magro, envolto em tiras sujas de tecido.

Grace franziu a testa.

– Mas esse bebê precisa da mãe dele – ela protestou.

– *Toogee! Toogee!* – a mulher gritou com raiva. – *Não querer Toogee. Não é bem-vindo. Você pegar. Você pegar ou nós matar hoje.*

Grace ergueu as mãos.

– Não, não! Dê-me aqui a criança! – disse ela, aceitando rapidamente o malcheiroso embrulho em seus braços. – Nós iremos...

Antes que ela tivesse tempo de terminar a frase, a irada visitante se virou e saiu correndo sem olhar para trás.

– Mais um? – uma enfermeira coreana do hospital caminhou até onde Grace estava e viu o rostinho do recém-chegado.

– Um *Toogee* – disse Grace, com um suspiro cansado.

A enfermeira analisou o recém-chegado por um longo tempo. O rosto do bebê era moldado pelos ângulos familiares ditados por sua

herança coreana, mas seus olhos opacos não eram de um castanho comum. Em vez disso, eles tinham um toque definido de azul.

– Por favor, não julgue meu povo com muita severidade, Sra. Rue – disse ela. – É uma das tragédias dessa guerra. Os militares americanos vêm aqui para lutar e, em vez disso, se apaixonam.

Grace sorriu e concordou.

– E o amor gera bebês.

Sua colega afastou o pano do rostinho.

– De repente, temos uma criança que é meio coreana, meio americana – disse ela. – Um *Toogee*. As famílias mal conseguem alimentar os filhos que já têm. Esse novo membro não tem pai nem apoio, pobrezinho. O pai voltou para seu país de origem, possivelmente para a esposa e os filhos. O que deveria ser uma bênção agora é um fardo para todos os que ficaram para trás. Isso cria raiva e hostilidade. Essas crianças sofrem uma rejeição terrível. Elas são abandonadas, deixadas para sobreviver por conta própria. Algumas são até mortas.

– Eu sei, eu sei – disse Grace, olhando para o rosto do bebê em seus braços. – Mas não desta vez.

Ela olhou para a enfermeira e balançou a cabeça.

– Às vezes, acho que são as crianças que mais sofrem com a guerra. Elas são inocentes. Não escolheram guerrear, mas sofrem muito.

– É por isso que estamos aqui – disse a enfermeira, apontando para o pequeno hospital que se erguia acima delas. – Elas chegam a nós com tuberculose, vermes, piolhos, desnutrição e sem ninguém para amá-las, e logo estão felizes, correndo para lá e para cá.

Grace sorriu e depois ficou séria novamente.

– Oh, como está o garotinho que chegou aqui três dias atrás, aquele com a mandíbula quebrada?

Sua colega fez um sinal para que Grace a seguisse.

– Vamos ver após levarmos esse novo pequenino ao Dr. Rue para um *check-up*. Acho que a primeira coisa que ele prescreveria é um bom banho.

– E depois comida, muita comida – interrompeu Grace. – Ele pode ser um *Toogee* para sua família, mas aqui ele é um precioso filho de Deus, e vamos tratá-lo como tal.

A mulher olhou para o rosto de seu mais recente pacotinho.

– Bem-vindo ao lar, pequenino – ela sussurrou. – Bem-vindo ao lar!

Cerca de 320 quilômetros ao sul de Seul, um navio estava ancorado perto de uma cidade costeira.

– Foi exatamente assim que o encontramos – relatou o jovem marinheiro enquanto ele e seu amigo encaravam o oficial médico a bordo do *USS Mount McKinley*, o navio de comando das forças anfíbias dos Estados Unidos, no Pacífico. – Ele acabou de sair de seu minúsculo abrigo para sem-teto, aquelas caixas construídas em postes ao longo das ruas principais de Pusan, e nos disse: “Senhores, estou com fome.” Ele nos pegou de surpresa!

O Dr. Ernest Zinke olhou para o pequeno visitante em posição de sentido entre os dois marinheiros. Era uma criança coreana de seis anos vestida com um uniforme do exército dos Estados Unidos. O menino exibia cabelos escuros e despenteados sobre uma estrutura assustadoramente magra. Ele olhou de volta para o médico com olhos que o homem sabia terem visto muito dos horrores da guerra.

– Há muitos órfãos vagando por aí hoje em dia – afirmou Ernest, sem emoção.

– Sim, senhor – foi a resposta rápida. – Mas, senhor, quantos estão usando o uniforme do governo?

O oficial médico sorriu ligeiramente, mas franziu a testa novamente logo depois.

– Não podemos manter uma criança a bordo deste navio – esbravejou. – É contra os regulamentos.

– Sim, senhor! O senhor está certo, senhor – disseram os homens, em coro.

– Mas, senhor, acreditamos que uma unidade do exército estava cuidando dele, mas devem ter embarcado. Então ele é responsabilidade dos militares dos Estados Unidos. Contudo, agora ele não tem ninguém, além de nós.

O homem que falava fez uma pausa.

– Vamos lá, doutor! Ele não vai comer muito. Meus amigos e eu cuidaremos muito bem do pequeno Jimmy. Prometemos.

– Jimmy?

– Sim, bem, nós demos um nome a ele. O nome não é coreano, mas, como ele está vestindo um uniforme americano e tudo mais, achamos que ele poderia usar um bom nome americano. Jimmy.

Ernest analisou o rosto sujo de terra do recém-chegado por um bom tempo. O menino sorriu de volta para o homem, levando a mão direita à testa e fazendo uma saudação elegante, mas cansada.

– Senhor, estou com fome – disse ele.

O oficial médico fechou os olhos e suspirou.

– Apenas o mantenha fora do caminho – ele ordenou. E... pegue algo para o "Jimmy" comer. Ah, e dê um banho nele. Use bastante sabão.

Foi assim que um órfão coreano sem-teto chamado Jimmy ingressou na Marinha dos Estados Unidos. Dias depois, enquanto o navio de guerra contornava a ponta sul da Coreia e navegava para o norte em direção ao porto de Inchon, na costa oeste do país devastado pela guerra, o rapazinho já havia se tornado popular com todos a bordo, incluindo os oficiais de alta patente. Quando os marinheiros se aglomeravam na sala de recreação para assistir filmes à noite, Jimmy era sempre o primeiro a anunciar: "Atenção no convés!", quando o almirante chegava para também aproveitar o programa. Então ele se encostava e adormecia profundamente mesmo antes que a primeira cena terminasse.

Todos concordavam que um navio de guerra não era um lar adequado para uma criança de seis anos. Mas para onde ele poderia ir? Quem cuidaria dele? O Dr. Ernest Zinke deu a resposta.

– Ouvi falar de um lugar – anunciou ele ao grupo de marinheiros que cuidavam de Jimmy. – Vejam, sou formado pela Universidade de Loma Linda, Califórnia. Um colega de graduação, um médico chamado George Rue, está em Seul com sua esposa, Grace. Eles dirigem um hospital e, se minhas informações estiverem corretas, administram um orfanato também. Acho que podemos confirmar isso.

– Vamos fazer isso! – o grupo exclamou, entusiasmado.

Mas, mesmo com a empolgação da possibilidade de encontrar um lar para Jimmy, Ernest não pôde deixar de se sentir apreensivo. Em breve, o *Mount McKinley* poderia ser chamado para uma situação de combate. O risco de ataque de aeronaves e bombas caindo era uma ameaça real. Será que o Dr. Rue e sua esposa aceitariam esse novo desafio? Haveria espaço para ele em suas instalações? E, se não houvesse, o que seria do menino que todos a bordo amavam tanto? O tempo diria.

O *USS Mount Mckinley*, o carro-chefe das forças anfíbias dos Estados Unidos, no Pacífico, ancorou na cidade portuária de Incheon, a menos de uma hora de carro de Seul, na Coreia, e o Dr. Ernest Zinke sabia o que deveria fazer.

Como oficial médico a bordo do navio, ele assumiu a responsabilidade de providenciar os futuros cuidados do jovem passageiro que seus homens chamavam de Jimmy. Todos concordavam que um navio de guerra não era lugar para um órfão indefeso, por mais que os oficiais e a tripulação gostassem dele.

Ernest rapidamente conseguiu algum tempo em terra firme e, então, requisitou um jipe do exército. Ele carregou o jipe com sacolas

e mais sacolas de mantimentos das provisões do navio, imaginando que qualquer pessoa que estivesse disposta a cuidar da criança provavelmente aceitaria alguns suprimentos para acompanhar a responsabilidade. Seul estava em frangalhos. A comida era escassa, mesmo para quem não fosse órfão.

O médico convidou Don Seaman, oficial do navio, para acompanhar Jimmy e ele em uma rápida visita à capital. Chegou a hora de selar o destino de seu pequeno marinheiro de uma vez por todas.

Depois de uma calorosa despedida dos homens do *Mount McKinley*, o grupo abriu caminho pela cidade devastada. Depois, eles viraram para o norte, na esperança de encontrar o lugar do qual Ernest havia ouvido falar, uma instalação na qual as vítimas mais novas da guerra mortal que assolava a área repetidas vezes poderiam encontrar um lampejo de esperança. Será que a instalação ainda existia? Será que o Dr. e a Sra. Rue ainda estavam no país, ou mesmo vivos? Eles fariam o possível para descobrir.

Ernest e Don não falavam coreano e o pequeno Jimmy sabia apenas algumas palavras em inglês. Mesmo assim, pediram muita ajuda pelo caminho. Finalmente, dirigiram seu jipe até a entrada da frente de um prédio simples e um tanto danificado situado em uma colina com vista para vastos arrozais, muitos marcados por crateras feitas por bombas. Uma placa surrada ali perto indicava: "Sanatório e Hospital de Seul".

– Então é aqui! – Ernest declarou, entusiasmado. – E parece que está funcionando! Agora só precisamos encontrar uma pessoa chamada Grace.

O hospital era um lugar movimentado, com obras de reconstrução sendo realizadas, um fluxo interminável de pacientes e equipe médica enchendo os corredores. Depois de pedir ajuda, eles foram direcionados para o fim do corredor e a uma escada que levava ao porão. Foi onde encontraram Grace Rue sentada, trabalhando arduamente

em sua mesa, cercada por um pequeno exército de meninas e meninos coreanos.

– Sra. Rue? – chamou Ernest, batendo suavemente na porta do escritório. – Sra. Rue, pode nos dar um momento?

A mulher ergueu os olhos e deu um sorriso cansado, mas acolhedor.

– O que posso fazer por vocês, cavalheiros?

Os visitantes puxaram um tímido Jimmy de trás deles.

– Sou o oficial médico Dr. Zinke, do *USS Mount McKinley* – anunciou Ernest –, e temos um pequeno dilema. Veja, encontramos este garotinho nas ruas de Pusan e...

– Doutor – Grace interrompeu –, temos 320 órfãos sob nossos cuidados agora.

Eles podiam ver claramente que a mulher estava sobrecarregada e à beira da exaustão. Então eles notaram um sorriso se insinuando no rosto da mulher.

– Mas acho que 321 não vai fazer muita diferença.

Ernest deu um grande suspiro de alívio.

– Oh, Sra. Rue, você é realmente um anjo de misericórdia aqui na Coreia. Todos os relatos que ouvi sobre você e seu marido são verdadeiros! E – continuou o homem, com um sorriso – eu só quero que você saiba que este garotinho não está aparecendo de mãos vazias. Ele trouxe um jipe cheio de mantimentos com ele.

– Mas essa é uma excelente notícia – disse Grace, atravessando o pequeno escritório e dando as boas-vindas a Jimmy. – Venham, vou mostrar a vocês, cavalheiros, nosso depósito. Sintam-se à vontade para trazer mais comida sempre que quiserem.

Ernest e Don sorriram durante todo o caminho até a área de armazenamento, mas logo seus sorrisos desapareceram.

– Oh, que coisa – lamentou o médico. – Há tão pouco de tudo aqui, mas você tem mais de 300 meninos e meninas dependendo de vocês para mantê-los vivos.

– É verdade – disse ela. – Mas saiba que aqui nunca uma criança foi para a cama com fome e acreditamos que isso nunca irá acontecer, por causa de pessoas como vocês, que se lembram das nossas necessidades e respondem com bondade e generosidade.

A mulher levou os visitantes para fora do prédio e, enquanto Ernest e Don carregavam suas tão necessárias sacolas de mantimentos para o depósito, Grace levou Jimmy pela mão em direção a um parquinho onde dezenas de meninos e meninas brincavam sob o sol quente da tarde. Para Jimmy, aquela visão era totalmente estranha e quase incompreensível. Crianças da idade dele brincando. Crianças se divertindo. Crianças fazendo nada além de rir. Elas não estavam procurando comida. Não estavam procurando um lugar para fugir do frio. Não estavam gemendo por causa de doença ou de fome. Elas estavam aproveitando a vida. Aquela visão tirou seu fôlego.

– Bem, vá se juntar a elas – ele ouviu a mulher dizer.

Ele não entendeu as palavras, mas com certeza entendeu a mensagem. Ele tirou a mão dele da dela e começou a caminhar em direção ao parquinho. Para ele, a guerra havia finalmente acabado. Para Jimmy (e milhares como ele), o futuro parecia brilhante, graças à bondade de estranhos.

Ernest e Don se juntaram à mulher e ficaram observando Jimmy timidamente se unir a algumas das brincadeiras que estavam acontecendo. Aquela cena trouxe lágrimas aos olhos deles.

– Estamos oferecendo alguma educação e ensinando essas crianças a ganhar a vida depois que a guerra acabar – Grace informou a seus companheiros. – Mas, o que é mais importante, estamos criando-os em uma atmosfera cristã. Deus não se importa se você é um órfão ou um toogee. Ele apenas quer ser seu Pai.

– E nós vamos ajudar vocês – disse Ernest, com um sorriso determinado. – Vamos fazer tudo o que pudermos por vocês e suas crianças.

E o Dr. Zinke, junto a muitos, muitos outros como ele, fez exatamente isso. Nos anos seguintes, militares, bem como pessoas de bom coração em todo o mundo, mantiveram o movimentado orfanato de Grace adequadamente abastecido com doações de comida e dinheiro. Centenas de meninos e meninas abandonados e desamparados encontraram esperança, um lar e um futuro sob os cuidados dela.

George e Grace Rue continuaram servindo o povo de seu país adotivo até 1967, quando, aos 68 anos, George se aposentou e o casal voltou para os Estados Unidos.

Hoje, esses incríveis missionários pioneiros dormem em seus túmulos, esperando a volta de Jesus. Mas, por muito tempo, as famílias coreanas recordarão as histórias do médico e de sua esposa que mudaram a vida delas e lhes mostraram a face de Jesus por meio de atos heroicos de bondade, dedicação e amor.

NÃO TENHA MEDO!

A história do Dr. Rue e sua esposa, Grace, tem muito a nos ensinar sobre coragem e destemor. Medite nesses atributos importantes que eles demonstraram. Fariamos bem em seguir seus passos.

Aqui estão dez coisas que pessoas corajosas fazem:

1. Não desistir;
2. Não ceder à dúvida ou ao medo;
3. Não obrigar os outros a fazer o que precisa ser feito – elas mesmas realizam o trabalho;
4. Usar o que elas têm para atingir seus objetivos;
5. Aceitar ajuda quando ela for oferecida – ser corajoso não significa ser orgulhoso ou egoísta;
6. Depender de Deus a cada passo do caminho;
7. Dar crédito às realizações e ao apoio dos outros;
8. Amar e servir independentemente de fatores sociais, intelectuais, raciais ou religiosos;
9. Manter constantemente uma oração nos lábios e esperança no coração;
10. Compartilhar alegremente sua confiança e esperança com os outros.

Deus nos chama para ser discípulos corajosos. Podemos aprender muito com aqueles que trilharam esse caminho antes de nós, como George e Grace Rue.

10

RAIVA

-Não!
O professor ergueu os olhos de seu livro de tarefas.
- O que você disse? - perguntou ele.

- Eu disse não. Não vou fazer essa porcaria. Matemática é uma droga.

Dwain não conseguia acreditar no que estava ouvindo. O aluno duas fileiras atrás dele desafiava abertamente o professor, algo inconcebível em seu país natal, a Guiana, na América do Sul.

O homem parado ao lado do quadro-negro balançou a cabeça.

- Ei, se você quer passar o resto da vida virando hambúrgueres e vivendo em uma lixeira, por mim tudo bem. Quanto aos outros, por favor, terminem os problemas nas páginas 89 e 90. Haverá uma prova na sexta-feira. Vocês estão dispensados.

Dwain correu para o corredor com os outros, ansioso para descobrir o cardápio do almoço no refeitório. Ele não havia ido muito longe quando ouviu uma garota gritando perto dos armários.

- Tire as mãos de mim, seu idiota ou eu vou quebrar seus dedos.

Outra voz ecoou pelo longo e abarrotado corredor.

– Quem roubou meu refrigerante? Quando eu encontrar o engracadinho que fez isso, vou socar a cara dele na parede!

Não, não era assim mesmo na Guiana. Claro, os alunos mexiam uns com os outros de vez em quando em seu país de origem. Mas, naquela escola pública de East Orange, Nova Jersey, parecia haver uma raiva profunda fervendo logo abaixo da superfície em todas as pessoas. Essa raiva transbordava diariamente, queimando os colegas de classe e professores com comentários rudes e sem coração e ações desrespeitosas.

– Não deixe que isso afete você – dizia a mãe de Dwain sempre que ele contava sobre o último incidente perturbador na escola. – Você é cristão. Deus pode ajudá-lo a controlar a raiva e a lidar com a deles.

Belas palavras, mas não estavam funcionando.

– Com licença – disse Dwain, quando um colega de classe furou a fila do refeitório na frente dele.

– Caia fora! – foi a resposta fria.

As palavras do rapaz mal haviam saído de sua boca quando ele se viu caindo no frio chão de ladrilhos, impulsionado por um forte empurrão de Dwain. Os adversários se entreolharam como dois cães raivosos se encontrando pela primeira vez. Por fim, o colega recuou e dirigiu-se para o fim da fila, acompanhado pelas zombarias e risos dos outros alunos.

Dwain não sentiu-se vitorioso, apenas culpado. Gostasse ou não, ele estava se tornando um reflexo das mesmas pessoas que ele detestava nesse novo país. Sua raiva estava encontrando solo fértil para crescer.

– Cara, você mostrou para aquele idiota o lugar dele – um amigo riu, enquanto Dwain e vários outros voltavam para casa naquela tarde.

As ruas da cidade fervilhavam de gente enquanto os carros passavam zunindo e músicas eram tocadas nas entradas das lojas.

– Você deveria ter visto os olhos dele. Você está indo bem, Dwain. Tenho certeza de que nunca vou contrariá-lo. Você é tão durão quanto eles.

O menino deu de ombros.

– Tenho que sobreviver – disse ele. – Se você não lutar, está morto.

De repente, ele ouviu seu nome sendo chamado do outro lado da rua. Ele e os outros se viraram para ver uma gangue composta por colegas da classe caminhando em sua direção. Os carros desviaram para não atingir o grupo enquanto eles faziam gestos rudes para os motoristas que buzinavam.

– Então – disse o líder que se aproximava – você acha que é muito durão, me empurrando, hein?

Dwain o reconheceu como o garoto que ele havia confrontado no refeitório.

– Apenas pensei em pagar na mesma moeda – continuou o aluno do sétimo ano. – Meus amigos e eu não gostamos do que você fez.

– Ah, vá para casa, para a mamãe – rebateu Dwain, erguendo um pouco o queixo. – Nós não fomos com a sua cara.

– Nós? – o valentão perguntou, olhando em volta. – Que nós?

Dwain lançou um rápido olhar para a esquerda e para a direita. Ele estava sozinho. Todos os outros haviam fugido.

– Então eu não vou com a sua cara – ele alertou com os dentes cerrados. – Apenas saia daqui antes que...

– Antes do quê? Hein? Antes de você começar a chorar? É isso que você está tentando dizer?

O líder da gangue parou na frente do seu alvo e zombou.

– Vamos ver se você gosta de ser empurrado.

Em um movimento brusco, o valentão empurrou Dwain para trás, fazendo-o tropeçar em outro menino, que estava agachado atrás de suas pernas. Com um baque de esmagar os ossos, ele se esparramou na calçada de cimento. Antes que ele pudesse se colocar de pé, a gangue desapareceu. As risadas ecoavam à distância.

Dwain gritou de frustração enquanto seus olhos procuravam a sarjeta. Vendo uma garrafa de vidro no meio do lixo, ele a agarrou, quebrou-a contra o meio-fio e se levantou com uma arma afiada e pontiaguda firmemente segura em sua mão.

Ele não conseguia pensar. Ele não conseguia raciocinar. Tudo o que queria fazer era encontrar aqueles meninos e ter uma vingança sangrenta pelas ações humilhantes deles. Por 30 minutos, ele vagou pelo bairro, com a arma de vidro na mão, procurando o valentão e sua gangue, gritando de raiva. Mas eles haviam desaparecido.

Naquela noite, enquanto Dwain estava acordado em sua cama, ouvindo os sons abafados das sirenes e da cidade, ele chegou a uma conclusão de partir o coração. Sua raiva estava fora de controle. A transformação de uma criança sensível e amigável em um lutador de rua cheio de raiva era completa. O encontro daquela tarde havia mostrado o quão longe ele havia caído. Na escola pública, sobrevivência era o nome do jogo, e sobreviver era tudo o que ele queria fazer. Ele se odiava por isso.

Ao saber do desastre quase ocorrido com a garrafa, sua mãe tomou uma decisão.

– Vou enviar você para Trinity – disse ela, indicando a escola adventista localizada não muito longe de sua casa.

– Mas, mãe – Dwain ofegou – não temos dinheiro nem para comprar um par de sapatos novos.

– Eu não me importo – declarou a mulher. – Se não fizermos nada em relação à sua raiva, você estará morto antes de ficar adulto.

Foi assim que Dwain se viu no ambiente muito mais pacífico de uma escola cristã, onde a sobrevivência não era um assunto tão importante.

Alguns anos depois, enquanto frequentava a *Pine Forge Academy*, na Pensilvânia, o garoto descobriu um fato surpreendente, algo que o pegou completamente desprevenido. Embora ele entendesse que sua raiva e seu temperamento explosivo eram alimentados pelo ambiente em que ele estava, havia outra área de sua vida que também precisava de atenção imediata.

– O quê? – sua mãe se espantou durante sua primeira visita em casa depois de receber a surpreendente informação.

– Isso mesmo, mãe – disse Dwain, sorrindo – não vou colocar mais nenhum pedaço de carne no meu corpo. Li um livro na escola mostrando que comer carne estimula meu corpo de um jeito que me deixa vulnerável à raiva e esquenta meu temperamento. E está funcionando! Conforme eliminei todos os alimentos cárneos, me sinto muito mais calmo e controlado.

Assim, enquanto o restante da família comia o peru recheado do Dia de Ação de Graças, Dwain se satisfazia com purê de batatas e repetidas porções de vegetais.

Até hoje, Dwain Esmond diz que Ellen White, a escritora do livro que ele leu, estava certa.

– Parar de comer carne mudou minha vida. Afinal, meu corpo é o templo de Deus. Eu nunca colocarei nada nele que motive raiva ou fúria. Ser calmo e confiante é melhor do que sentir-se vingativo em qualquer dia. Por que você não experimenta isso?

Dwain aprendeu que a coragem e a capacidade de controlar a raiva são melhor desenvolvidas com alimentos saudáveis e com uma mente saudável em um ambiente saudável.¹

¹ O livro que mudou a visão de vida de Dwain foi *Mente, Caráter e Personalidade*, de Ellen G. White (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira).

11

MEU INTERVALO PARTICULAR

Gostaria de acrescentar algumas histórias da minha vida para ajudar a ilustrar o que é preciso para ser uma criança corajosa neste mundo. Fui um garoto corajoso? Às vezes, sim. Às vezes, não. Contudo, eu estava sempre tentando ser o tipo de pessoa de quem Deus pudesse se orgulhar. E, como sempre Deus faz, Ele me ensinou algumas lições importantes ao longo do caminho, como esta que vou contar agora.

A Sra. Metzger franziu a testa por trás de sua grande mesa de madeira e tentou conter a frustração. Finalmente, ela se levantou, fazendo com que um silêncio imediato se espalhasse pela sala de aula de nossa pequena escola cristã da igreja.

– Já chega! – disse ela, com firmeza.

Olhando para cada um dos alunos, ela continuou:

– Aqui está parecendo um zoológico.

Depois, ela pegou sua leal régua e apontou para nós com um olhar de advertência terrível que escurecia seu rosto geralmente amigável.

– A próxima pessoa que falar fora de hora, que incomodar um colega de classe ou causar qualquer tipo de perturbação, perderá seus privilégios do intervalo. Entenderam?

Nós entendemos. Eu não sabia a opinião dos outros alunos, mas o intervalo era o ponto alto do meu dia. Sem ele, tudo o que restava era a escola. Sem brincar de queimada, beisebol, pega-pega ou espirobol. Sobrava apenas Matemática, Ciências, História, Geografia. Os alunos do sexto ano, como eu, simplesmente não sobreviveriam a um dia sem aquele tão importante intervalo. Eu decidi naquele momento não dizer nada além do que a professora me pedisse para dizer, mesmo que eu morresse de vontade de falar.

Você tem que entender uma coisa sobre mim. Eu gosto de conversar. Na verdade, eu AMO conversar. Também sou curioso. Quero saber de tudo o que está acontecendo e sinto a necessidade de expressar minha opinião sobre tudo. Ao me sentar em uma sala cercada por colegas que estão dizendo ou fazendo coisas fascinantes, eu realmente preciso dizer algo! Também gosto de fazer as pessoas rirem, e as salas de aula oferecem muitas oportunidades para brincadeiras e diversão. Portanto, ficar quieto por duas horas e meia seria um desafio incrível para mim. Mas, para proteger meu intervalo, eu faria qualquer coisa.

Por isso, quando a Carol deixou cair o lápis, não contei a todos que, por um momento, ela deve ter pensado que estava no espaço sideral, onde não há gravidade. Quando Lanny disse que a capital de Montana era Omaha, não avisei que estava feliz por ele não ser o líder de uma expedição de Lewis e Clark. Quando Ivone espirrou, não lembrei-a de que seu coração simplesmente parou de bater naquele momento, e que havia ficado muito feliz por ela ter ressuscitado. Quando cochilei durante a aula de História, não disse nada sobre o sonho que incluía um cachorro voador. Você entende o que quero dizer?

À medida que os minutos passavam, eu me segurava mesmo quando sentia que explodiria por não fazer um rápido comentário, uma

observação engraçada ou adicionar uma opinião um pouco fora do comum sobre o que estava acontecendo.

Parece que muitos dos meus colegas não compartilhavam da minha incrível força de vontade. De vez em quando, alguém soltava uma afirmação realmente engraçada que nada tinha a ver com o assunto em questão. A turma ria e eu via a Sra. Metzger fazer uma anotação rápida em seu sempre presente caderno de anotações. Mas eu não. Eu estava tão quieto e obediente que todos pensavam que eu estivesse doente.

Por fim, os ponteiros do relógio de parede anunciaram que era hora do intervalo. Lancheiras apareceram nas mesas, e todos aproveitamos o que nossas mães, pais, avós, tios, tias ou quem quer que seja tivesse preparado para nós. Então, depois do lanche, um silêncio caiu sobre a sala de aula. Quem seria punido? Quem manteve a boca fechada diante da tentação avassaladora? Quem teria o grande privilégio de sair da sala de aula para o glorioso campo gramado de brincadeiras esperando do outro lado da grande e ampla janela em frente à nossa pequena escola?

– Essa foi uma manhã interessante – anunciou a Sra. Metzger, olhando para o caderno. – Apenas uma pessoa ganhou o direito de aproveitar o intervalo hoje. E essa pessoa é Charlie Mills.

– Eba! – comemorei, pulando da carteira.

Em três passos, eu estava fora da sala e corria para os braços da liberdade. O sol estava forte, o vento estava quente e as árvores e a grama pareciam extremamente brilhantes naquele dia. Eu havia ficado firme. Segurei a língua. Ganhei meu prêmio. Agora, diante de mim, estava o campo de beisebol, liso, convidativo, desgastado e... completamente vazio.

Parei e fiquei sozinho na primeira base quando a compreensão desse fato me atingiu como uma bola à meia altura. Conquistei meu intervalo, mas fui o único que havia conseguido. Não tinha risos, nenhum grito de motivação da equipe nem gritos de animação. Havia apenas eu, a grama e o vento.

Virei-me e olhei para a escola, e o que vi me chocou. Lá, na grande e larga janela ao lado da porta, estavam os rostos dos meus colegas pressionados contra o vidro, olhando silenciosamente para mim.

Sim, eles tiveram a mesma oportunidade que eu de ganhar a liberdade naquele lindo dia. Sim, eles escolheram não seguir todas as regras e garantir o lugar deles no campo. Sim, eles foram avisados e agora estavam pagando o preço por suas más decisões. Contudo, o resultado foi que meu intervalo arduamente conquistado não era o que eu esperava que fosse. Que diversão alguém pode ter jogando beisebol, espirobol ou pega-pega sozinho? Essas atividades precisavam de outros jogadores, outros times, outros amigos.

De repente, entendi algo que a Sra. Metzger vinha nos ensinando o ano todo. Ela estava falando sobre o Céu e como nos divertiríamos lá. A Sra. Metzger leu para nós sobre o mar de vidro, a árvore da vida e a bela cidade com ruas de ouro. Ela disse como seria maravilhoso aproveitar todas essas coisas com nossa família e amigos. Agora eu percebia que o Céu seria ainda melhor com eles! Eu precisaria fazer de tudo para que eles também estivessem lá.

Foi quando fiz algo muito incomum para mim. Com o sol brilhando, o vento quente soprando e a grama verde curvando sob meus pés, me virei, caminhei de volta para o pequeno prédio da escola da igreja e entrei. Meus amigos me encararam como se eu tivesse enlouquecido. Eu consegui! Eu havia ganhado de todo mundo e conquistado o direito de aproveitar o intervalo. Mas eu sabia algo que eles não sabiam. Sem eles comigo, o intervalo havia perdido seu valor. Não seria divertido. Seria solitário.

Por toda a minha vida, tenho me lembrado daquele dia. É por isso que escrevo livros, conduzo programas de rádio e escrevo artigos, todos com um tema importante: paraíso. O Céu será ainda mais gostoso cercado por muitas pessoas – pessoas corajosas que não cederam a Satanás e suas mentiras; indivíduos destemidos que obedeceram às leis de amor de Deus e seguiram Seu mandamento de compartilhar esse amor com os outros. Tento dar meu melhor para falar aos jovens e adultos sobre o maravilhoso Deus, sobre a salvação e sobre a esperança que nós, cristãos, compartilhamos a fim de que eles possam estar lá conosco.

Depois que o trabalho duro da vida terminar, quero encontrar o Céu cheio de amigos e familiares. Quero ouvir suas risadas, desfrutar de seus gritos de alegria e testemunhar suas respostas felizes quando Deus chamar o nome deles. Também quero agradecer à minha professora, a Sra. Metzger, por me aturar e me ensinar que o intervalo – e o Céu – é mais gostoso na companhia de outras pessoas.

NÃO TENHA MEDO!

Como o dicionário define a palavra “coragem”? Aqui está o que *Novo Dicionário Aurélio* traz: “[Coragem é] (1) Bravura em face do perigo. (2) Intrepidez, ousadia. (3) Resolução, franqueza, desembaraço. (4) Perseverança, constrância, firmeza.”

Também penso que coragem é “fazer o que é certo quando todo mundo está fazendo o que é errado”. Exercite sua coragem imaginando o que faria se você se deparasse com as seguintes situações:

- Você vê uma pessoa com fome;
- Uma criança sofre bullying na sua escola;
- Você precisa passar em uma prova, mas não estudou;
- Uma mentira o ajudaria a escapar de uma punição;
- As crianças zombam de você porque você ama Jesus;
- Seu pai ou sua mãe sente-se mal por ter perdido o emprego;
- O irmão de um amigo seu morreu;
- Alguém lhe oferece um cigarro, cerveja ou droga;
- Você sente que se odeia porque falhou ao fazer algo.

Coragem é algo pessoal. Felizmente, Deus está pronto para ajudá-lo a consolidá-la em seu coração. É só pedir!

Seção



**PORTANTO, SEJAM FORTES E CORAJOSOS!
NÃO TENHAM MEDO E NÃO SE APAVOREM DIANTE DELES.
O SENHOR, SEU DEUS, IRÁ ADIANTE DE VOCÊS.
ELE NÃO OS DEIXARÁ NEM OS ABANDONARÁ.
DEUTERONÔMIO 31:6**

12

O GAROTO QUE PEGAVA MONSTROS

O barco de pesca balançava de um lado para o outro nas ondas da tarde. Jesse Grismer, de 12 anos, agarrou-se ao corrimão e analisou seriamente a ilha que se aproximava. Ela não parecia muito diferente das outras pequenas faixas de terra que pontilhavam o Golfo da Califórnia, mas ele sabia que as aparências podiam enganar.

– Eles estão lá fora – avisou seu pai, enxugando o suor da testa. – Você precisará disto.

O homem ergueu uma vara comprida e a segurou no alto para o filho verificar. Um nó pendia frouxamente de uma das pontas.

Jesse concordou com a cabeça e se voltou para a proa. Uma costa rochosa esperava logo depois da arrebentação.

– Nós vamos encontrá-los – disse, com confiança. – Vamos encontrar muitos deles.

Alguns minutos depois, o garoto estava em uma ilha deserta cercada por leões-marinhos nervosos. Ele e seu pai, Dr. Lee Grismer, da Universidade La Sierra, na Califórnia, junto a outro professor e

vários alunos acenavam para o capitão do barco enquanto ele se afastava na neblina da tarde. De repente, eles estavam sozinhos. Era como se o tempo tivesse parado e a natureza tomado conta do mundo mais uma vez.

Jesse olhou em volta.

– Não há nada aqui, quer dizer, a não ser areia, leões-marinhos e rochas – disse ele.

Mas logo, o pedacinho de terra que se projeta do mar começou a revelar seus segredos ao garoto curioso. Um pássaro grande tropical parecido com um pelicano, chamado patola-de-pés-azuis, pousou desajeitadamente nas proximidades e cambaleou até seu ninho de pedra. Gaivotas de patas amarelas voavam e mergulhavam; suas gargalhadas se misturavam com o suave murmúrio das ondas.

A ilha, Isla Coloradito, ostentava um mistério, e era por isso que Jesse e o grupo estavam ali.

Após montar o acampamento, o Dr. Grismer chamou todos para se unirem a ele. Os membros da expedição sentaram-se nas rochas e voltaram a atenção para o homem que olhava para a áspera e esburacada ilha.

– Sempre pensei que os lagartos do deserto viviam em áreas quentes e secas – anunciou ele, com crescente entusiasmo. – Mas, nesta ilha, encontrei algo chocante. Eles são muito compridos e comem insetos d'água. Vocês os encontrarão tomando sol nas rochas ou se escondendo do calor na sombra escura das pequenas cavernas ao longo da praia. Quando pegarem um, coloquem-no com cuidado nos sacos coletores. E fiquem atentos! Vocês podem encontrar uma ou duas cascavéis durante a busca. Não as perturbem. Elas chegaram aqui primeiro, certo?

Todos no grupo concordaram obedientemente e começaram a recolher seus equipamentos. Cada um selecionou uma longa vara e partiu pela praia, esgueirando-se ao redor dos leões-marinhos que cochilavam e sobre pedras escorregadias.

Jesse ergueu a vara e respirou fundo. Ele já havia capturado lagartos antes, mas nenhum tão grande. Essa ilha era realmente o lar de monstros!

O sol quente da tarde queimava com implacável fúria, iluminando a ilha com uma luz brilhante. O garoto foi para dentro da ilha, longe da praia. Excrementos de pássaros cobriam o chão, não permitindo que as plantas crescessem.

Jesse esfregou o queixo pensativamente. Sem arbustos e plantas, não pode existir insetos. Sem insetos, não pode haver lagartos. Mas *havia* lagartos na ilha. Seu pai os viu. Como eles teriam sobrevivido quando o único alimento disponível vinha do mar, e o mar é salgado? Lagartos não gostam de sal. O menino sentou-se em uma pedra para descansar. Aquilo não fazia sentido.

De repente, houve um movimento entre as sombras a seus pés. Jesse congelou. Será que ele havia perturbado uma cascavel?

Olhos pequenos e escuros emergiram sob luz do sol e o encararam. O corpo da criatura estava coberto de manchas alaranjadas, azuis e pretas. Sua cauda se moveu ligeiramente enquanto suas patas agaravam a superfície encrostada das rochas.

Devagar, com cuidado, Jesse baixou a ponta da vara até que o laço escorregou sobre a cabeça do animal. Então, com um puxão rápido, ele esticou a corda, fechando o laço em volta do pescoço da criatura.

– Eu peguei um! – ele gritou no ar quente da tarde. – Pai. Peguei um!

Seu pai veio correndo, com um largo sorriso no rosto.

– E é grande também – o homem gritou, pegando o saco de espécimes e abrindo-o para que Jesse pudesse depositar sua primeira captura nas dobras macias do saco.

– Como eles conseguem comer insetos de água salgada? – Jesse perguntou, com o rosto ainda corado pela vitória.

Seu pai analisou a paisagem árida.

– Eu tenho uma teoria – disse ele. – Esses lagartos encontraram uma forma de sobreviver mesmo quando sua comida está cheia de sal. Acredito que eles evoluíram de tal maneira que conseguem eliminar o excesso de sal do corpo, provavelmente por meio de glândulas especiais no nariz. Eles conseguem até beber água do mar quando estão com sede, algo que nós, humanos, nunca devemos fazer.

– Espere um minuto – disse Jesse, levantando a mão. – Você disse “evoluir”? Eu pensava que Deus havia criado o mundo e todos os animais. A evolução não vai contra o que está na Bíblia?

– A teoria da evolução deixa Deus fora do processo – concordou o Dr. Grismer. – Mas os animais evoluem. Eles evoluíram desde a Criação. Esses lagartos podem ter se adaptado ao ambiente desenvolvendo poderosas glândulas de sal. Eles são uma das muitas criaturas que mudaram sua aparência, dieta e hábitat para sobreviver em um mundo de pecado como no nosso.

Jesse espiou o saco coletor. O grande lagarto olhou para ele e mostrou a língua nervosamente.

– Sempre soube que Deus podia criar coisas maravilhosas – disse o garoto –, mas não sabia que Ele também podia fazer isso.

O Dr. Grismer sorriu.

– A natureza tem muito a nos ensinar sobre Deus se apenas reservarmos um tempo para estudar e aprender seus segredos. Venha! Temos muitos outros lagartos para capturar antes do pôr do sol. Quero levá-los de volta ao laboratório para poder estudá-los mais detalhadamente. Vamos trabalhar!

O restante da tarde foi gasto vasculhando a ilha em busca de mais lagartos-de-mancha-lateral, um nome que se encaixava perfeitamente à espécie. Na hora do jantar, a equipe havia coletado 50 dessas criaturas fascinantes e colocado-as cuidadosamente em sacos confortáveis para a viagem de volta para casa.

Enquanto o sol se punha abaixo da linha do horizonte, Jesse soltou um suspiro satisfeito. O dia havia sido um sucesso! Agora era hora de brincar nas ondas sob o céu iluminado pela lua, observando faixas verdes de bioluminescência girando em torno deles na água.

O Dr. Grismer ria com o grupo, mas, de repente, ele ficou quieto. Os outros olharam em sua direção e o encontraram olhando para o sudoeste. No horizonte, nuvens de sombras escuras rolavam e se agitavam, erguendo-se do oceano.

– O que foi, pai? – Jesse perguntou.

O homem se virou, seu rosto demonstrava preocupação.

– Talvez seja melhor protegemos os equipamentos – ele disse, enquanto o vento começava a uivar misteriosamente. – Parece que vai vir uma tempestade.

O tempo provaria que Isla Coloradito seria outra surpresa para os visitantes. Uma surpresa muito perigosa!

Jesse Grismer não conseguia dormir, mesmo tentando várias vezes. Talvez fosse o barulho ocasional de um leão-marinho ali perto ou o suave murmúrio das ondas na praia que o mantivessem acordado. “Com certeza, eu estou cansado”, lembrou a si mesmo. “Não passei uma tarde inteira pegando monstros?”

Ele olhou além das formas deitados de seus colegas para as fileiras de sacos descansando entre as rochas. Havia 50 lagartos-de-mancha-lateral, criaturas de 15 centímetros de comprimento, que

seu pai, professor de biologia, pedira à equipe para coletar para futuros estudos.

– Não consegue dormir? – o pai falou baixinho.

Jesse concordou na escuridão.

– Nem eu – o pai admitiu.

De repente, começou a chover. O Dr. Grismer ergueu-se sobre um cotovelo e observou o céu escuro, tentando ver a densidade das nuvens. Todos sabiam que uma tempestade poderia estar chegando, mas só podiam tentar adivinhar quanta chuva cairia e quão molhado o grupo ficaria.

O homem estava prestes a dizer mais alguma coisa quando o céu explodiu com uma luz brilhante, seguida por um estrondo de trovão que sacudiu as pedras sob os sacos de dormir de todos. Em resposta imediata à irada convocação, a chuva se intensificou rapidamente, transformando o tranquilo acampamento em um lava-rápido.

– Peguem os equipamentos! – o Dr. Grismer gritava, enquanto os membros da equipe chutavam suas cobertas e tropeçavam nos próprios pés, naquele aguaceiro.

Os sacos de amostras contendo os lagartos foram rapidamente recolhidos com o que mais pudesse ser carregado enquanto Jesse, o pai dele, outro professor e dois alunos universitários se dirigiam para as rochas maiores que margeavam a praia.

– Encontrem uma caverna e entrem nela! – ordenou o Dr. Grismer, tentando ser ouvido agora acima do rugido do vento. – Mas, aconteça o que acontecer, mantenham os lagartos a salvo!

Jesse estava com medo. Mesmo tendo 12 anos e geralmente não tendo medo nem de homem, nem de animal, ele sabia que há um tempo para ser corajoso e um tempo para se esconder. Aquele era um momento para se esconder.

Seguindo seu pai, ele gritava sobre as rochas vulcânicas até um ponto à beira da água.

– Lá! – gritou o pai. – Entre naquela caverna. Estarei na próxima, ao seu lado.

Enquanto outro relâmpago estalando se arqueava no céu, Jesse viu uma pequena abertura nas rochas, com cerca de meio metro de altura e um metro de profundidade. Um pensamento passou por sua cabeça: *“Que outras criaturas da ilha estão usando essa mesma caverna como abrigo neste momento?”*

O garoto colocou cuidadosamente seus sacos de espécimes no canto mais distante e deitou-se, bloqueando a entrada. Ele deslizou para trás o mais longe possível até não sentir mais a chuva batendo em sua pele. O som do trovão ficou abafado e baixo, vibrando o abrigo a cada clarão e estrondo.

Olhando pela abertura, ele viu algo que nunca havia visto antes. Luzes brilhantes de uma explosão de raios irrompiam das nuvens e se chocavam diretamente no mar, levantando um respingo ardente de água a cada golpe. Jesse sentia o jato de água no rosto enquanto a terra tremia a cada impacto explosivo.

Estalido! Clarão! Estrondo! Respingo! Uma vez após a outra, o mar e a ilha eram atacados. O gosto metálico de ozônio queimando enchia sua boca e narinas, mas o garoto queria ver o terrível bombardeio da natureza. Ele olhava sem piscar para a demonstração de fúria fora da entrada da pequena caverna. Era como se ele estivesse testemunhando o poder da Criação bem diante de seus olhos.

Ele sentiu os sacos de espécimes pressionando contra suas pernas. Os lagartos compreendiam as tempestades, a chuva e os raios. Eles viviam naquela ilha e sentiam a fúria da natureza com frequência. E, assim como eles faziam, Jesse encontrou refúgio em uma caverna – um lugar de segurança e sobrevivência.

Durante toda a noite, a tempestade se lançou contra a pequena ilha, gritando sua fúria ao vento e batendo com os punhos de raios contra o mar. Na escuridão, Jesse logo descobriu que não era a única

criatura habitando a caverna. Insetos surgiam do solo arenoso e mordiscavam sua pele. Ratos saíram de túneis subterrâneos e corriam sobre seu corpo deitado.

Finalmente, quando o amanhecer coloriu o horizonte leste, a raiva do céu diminuiu e a paz voltou a Isla Coloradito, assim como havia acontecido por séculos.

Jesse se mexeu. O que era aquele barulho horrível? Abrindo um olho sonolento, depois o outro, ele olhou para fora de sua caverna para ver seu pai brincando de perseguir leões-marinhos na arrebentação. Os grandes animais de mais de duzentos quilos grunhiam e rugiam sua frustração por terem sido perturbados. O garoto sorriu. A noite e suas tempestades passaram e um novo dia havia chegado.

Enquanto o café da manhã era preparado, Jesse e seu pai decidiram jogar uma partida de futebol americano. Assim que eles lançaram alguns passes para o *touchdown*, um grupo de "linebackers" entusiasmados se juntou a eles – eram leões-marinhos. Os animais rastejavam atrás dos dois, batiam na bola e depois pulavam bem alto, como se tentassem acertar um *long bomb*. Jesse ficou maravilhado com a graça e agilidade das criaturas na água em comparação com seus movimentos desajeitados na praia.

A fome logo levou pai e filho de volta ao acampamento, onde saborearam pão macio, queijo, salada e copos de leite quente. Os leões-marinhos escolheram um cardápio de peixes.

– O que você acha de Isla Coloradito? – o Dr. Grismer perguntou ao filho, enquanto caminhavam pela praia para uma última olhada depois do café da manhã.

Jesse ficou em silêncio por um longo momento. Ele havia visto muita coisa, experimentado uma variedade de eventos durante sua visita.

– Tudo está certo à sua maneira – respondeu ele. – Quero dizer, os animais, as rochas, até o mar. Isso me faz sentir que Deus realiza um bom trabalho quando faz algo.

O garoto pensou em vários colegas e amigos que conhecia, meninos e meninas que não pareciam ter muito entusiasmo pela vida.

– Também aprendi que você não precisa passar a vida sem fazer nada – continuou ele. – Você pode estudar ciência. Ela está em toda parte. E comprova a existência de Deus. Se não existisse Deus, nem estaríamos vivos. Sem a ciência, não haveria progresso nem futuro.

– O que você vai fazer com o que aprendeu? – perguntou o Dr. Grismer.

Jesse olhou para o pai.

– Vou terminar o trabalho que você começou. Quero dizer, você está ficando meio velho, sabe?

O homem parou.

– Ei, ainda tenho mais alguns anos pela frente – disse ele, tentando esconder um sorriso.

Em seguida, colocou a mão no ombro do filho.

– Mas eu não me preocuparia. Deus tem muito mais segredos escondidos na natureza para manter gerações de pais e filhos ocupados por muito, muito tempo. Conseguiremos continuar nossas aventuras no Céu.

Jesse olhou para o mar e suspirou. Há tanto para aprender e tão pouco tempo.

– Vamos, pai – ele encorajou. – Talvez consigamos pegar mais alguns monstros antes que o barco chegue.

Os dois voltaram para o acampamento, aproveitando o sol da manhã e animados pela promessa de um dia repleto de segredos compartilhados pelo Deus que criou todas as belas coisas.

13

A AREIA DE OUTRA PESSOA

Nunca vi tanto dinheiro de uma só vez em toda a minha vida. Notas de 5 dólares, de 10 dólares e até algumas notas de 20 dólares estavam empilhadas em montes organizados por toda a mesa. Atrás delas erguiam-se pilhas de moedas – brilhantes, coloridas e reluzindo à luz que entrava pela janela da cabine. Parecia que um banco havia sido roubado, e agora o ladrão sorridente estava contando seu tesouro. Entretanto, o criminoso ocupado remexendo no dinheiro não era um fugitivo da justiça. O homem era o meu pai.

Fora da cabana aconchegante, as pessoas passavam por estradas empoeiradas e se cumprimentavam calorosamente.

- Olá, amigo! – algumas diziam.
- Bom ver você de novo! – outras afirmavam animadamente.
- A música não está ótima? – outras ainda declaravam quando, em algum lugar distante, um piano era tocado suavemente no ar quente do meio do verão.

Era hora da reunião do acampamento na *Union Springs Academy*, em Nova York, e eu gostava de cada minuto disso. A tenda "Júnior", localizada do outro lado da rua de nossa barraca, era um lugar realmente maravilhoso, cheio de artesanatos divertidos, histórias emocionantes e canções empolgantes.

Contudo, o dinheiro prendia minha atenção no momento. Era tanto dinheiro! Ele havia sido recolhido naquela manhã na grande tenda em que os fiéis abriram suas carteiras e bolsas para ajudar a sustentar o trabalho missionário em diferentes partes do mundo. Agora, meu pai, tesoureiro da Associação de Nova York, estava ocupado contando o dinheiro, preparando-o para guardá-lo no pesado cofre que ficava em um canto da sala, até que pudesse ser depositado com segurança no banco local nas primeiras horas da manhã de segunda-feira.

Analisei os valiosos montes cuidadosamente, tentando imaginar tudo o que aquele dinheiro poderia comprar. Aquela pilha ali mais do que cobriria o custo de uma bicicleta nova – até uma das mais modernas! Essa pilha ao lado do telefone poderia ser gasta em uma televisão bem grande. E quanto às notas de 20 dólares, dariam para comprar uma câmara nova com lente teleobjetiva!

– Pai? – perguntei, descansando o queixo nas minhas mãos na borda da mesa enquanto o observava trabalhar. – Você já se perguntou o que todo esse dinheiro poderia comprar?

– Claro! – afirmou ele, sem tirar os olhos de sua tarefa.

– Você já teve vontade de pegar um pouco dele?

Os dedos do meu pai pararam de se mexer.

– Não, Charlie. Nunca!

Franzi a testa.

– Por quê? Ninguém ficaria sabendo. Você é o único que conta ele.

Papai colocou a pilha de notas sobre a mesa e me analisou por um longo momento.

– Eu acho que preciso lhe contar uma história – ele disse calmamente. – Você quer ouvir?

Balancei a cabeça com entusiasmo. As histórias do papai eram as melhores – tão divertidas quanto qualquer outra que eu já tenha ouvido na tenda “Júnior” ou mesmo em volta das fogueiras noturnas.

– Quando eu era pequeno – começou ele –, minha mãe levou minha irmã e eu para um passeio. Mamãe era professora e eu tinha, ah... por volta de três anos. Era um belo dia e as árvores ao alto tinham cores majestosas. Estávamos andando quando passamos por um canteiro de obras. Uma casa nova estava sendo construída em um belo terreno, e havia um grande monte de areia na calçada. Agora, sempre que você mistura um menino de três anos com um monte de areia, há muita diversão envolvida. Minha mãe me lembrou, anos depois, que eu gritava de alegria enquanto corria e pulava direto naquele monte. Comecei a cavar túneis, fazer estradas e criar montanhas, como qualquer criança faria. Minha irmã e ela observaram por um tempo; depois, continuaram andando pela calçada, admirando as cores do outono. Então elas se sentaram no meio-fio ali perto e olhavam para os carros que se moviam lentamente ao longo da estrada. Elas falavam sobre coisas que mãe e filhas conversam. Depois de um tempo, minha mãe e minha irmã se levantaram e me chamaram para ir e me juntar a elas para que pudéssemos continuar a caminhada. Obedientemente, deixei o monte de areia e corri até elas enquanto elas se afastavam na calçada. Quando as alcancei, mamãe olhou para mim e parou. “Bobby”, disse ela, “o que é isso em suas mãos?” Olhei para os meus dedos. Eles estavam cobertos com minúsculos grãos de areia brilhante, assim como meus calçados, minhas calças e minha camiseta. Eu parecia um boneco de areia em miniatura.

Nesse ponto da história, sorri imaginando como meu pai deveria estar parecendo. Ele continuou:

— Foi quando minha mãe disse algo que nunca esqueci. Ela falou: “Bobby, você tem de voltar àquele monte e remover todos os grãos de suas mãos e roupas. Essa areia é de outra pessoa. Não pertence a você”. Bem, eu corri de volta para a pilha de areia e comecei a sacudir, esfregar e bater na areia do meu corpo. Demorou muito, mas, quando terminei, não havia mais nenhum grão em mim. Devolvi cada grão de areia para o monte. Depois, corri para onde minha mãe e minha irmã estavam esperando e continuamos nosso passeio.

Papai apontou para o dinheiro empilhado em sua mesa.

— Veja, tudo isso, todas estas notas e moedas, são grãos de areia de outra pessoa. Não são meus. Sou apenas aquele que conta o dinheiro e o coloca no banco na segunda-feira de manhã. Esse dinheiro pertence a Deus, e Ele tem uma grande obra para fazer em todo o mundo. Então, Charlie, em todos os anos em que tenho servido à igreja ajudando a cuidar do dinheiro arrecadado, nunca me senti tentado a pegar nada dele.

Concordei lentamente com a cabeça. De repente, as pilhas de dinheiro espalhadas pela mesa de meu pai pareciam muito diferentes. Eu não via bicicletas, televisões ou câmeras com lentes teleobjetivas quando olhava para as notas e moedas. Via os médicos da missão curvando-se sobre pacientes feridos e jovens frequentando escolas cristãs. Via igrejas sendo construídas e crianças ansiosas sendo ensinadas sobre o amor de Deus. Via programas de rádio e televisão transmitidos pelas ondas do rádio e livros e revistas sendo impressos em enormes impressoras, cada um deles repleto de histórias da terna misericórdia de Deus.

Sim, o dinheiro parecia muito diferente agora, e eu entendi por que meu pai era tão cuidadoso para que cada dólar fosse corretamente contado. Eu sorri enquanto o observava trabalhar. O dinheiro de Deus estava seguro porque eu sabia que o homem atrás da mesa nunca pegaria um grão de areia de outra pessoa.

NÃO TENHA MEDO!

Tentação. Todos nós a experimentamos. Você sabe do que precisamos para lutar contra a tentação de fazer algo que não deveríamos? Isso mesmo. De coragem!

Refleta sobre as seguintes situações. Tente imaginar como o diabo tentaria você a agir. Em seguida, adicione um pouco de coragem. O que você faria em cada um dos casos?

- Você vê uma mulher deixar sua bolsa para trás por engano em um banco de algum parque. Não há mais ninguém por perto;
- Você está tendo dificuldades com as respostas de uma prova que está fazendo na escola, mas sabe que a pessoa sentada ao seu lado é inteligente e consegue enxergar a prova dela;
- Seu pai o pega fazendo algo que não deveria, mas você sabe que pode escapar de qualquer punição se simplesmente contar uma pequena mentira;
- A balconista do supermercado, por engano, dá a você mais troco do que deveria pela sua compra;
- Alguém diz que Deus não é real. Você sabe que Ele é, mas não quer fazer aquela pessoa pensar que você está tentando parecer um santinho ou algo assim;
- Uma criança na escola quer mostrar fotos de pessoas nuas;
- O diabo faz você pensar que você não vale nada e que é mau.

Deus precisa de jovens de coragem para defendê-Lo neste mundo. Deus precisa de você!

14

A ESCOLHA DE MOISÉS

A asa do avião mergulhou abaixo do horizonte quando fizemos nossa última curva em direção à pista de aterrissagem. A vista da janela revelava a terra seca e torturada pelo calor do Egito. Exceto por uma faixa verde seguindo o curso sinuoso do rio Nilo, o deserto mantinha a terra em suas garras áridas.

A viagem até o hotel ofereceu muitas imagens e sons desconhecidos. Mercados lotados e comerciantes ocupados enchiam a rua. Compradores ávidos e pedintes determinados disputavam a atenção.

Então, da janela do hotel em que me hospedava, eu as vi. Lá no deserto, fora da cidade, elas resistiam – desafiadoras, antigas, imóveis. Era como olhar para trás no tempo, ver um mundo e uma civilização há muito esquecidos.

No táxi, parecia que os anos voltavam no tempo. As ruas da cidade tornaram-se estradas desertas. Edifícios com ar-condicionado foram substituídos por construções de pedra bruta. Carros e caminhões deram lugar a gado, mulas e camelos. E, erguendo-se das areias

quentes do deserto, chegando cada vez mais perto, estavam as pirâmides de Gizé.

– Aqui, compre isto. Bom preço hoje. Você americano. Preço melhor para americano!

Um enxame de rostos sorridentes me cercou.

– Você precisa de um guia? Eu sei muito sobre as pirâmides. Deixe-me lhe mostrar tudo! – soou a voz de um homem vestido com um longo manto branco.

Em torno de sua cintura, havia um cinto de pano frouxamente amarrado, um turbante branco protegia seu rosto do sol do deserto. Seu sorriso parecia genuíno, seus olhos, felizes.

– Sim, obrigado – respondi, olhando para as pedras que se elevavam ao nosso lado. – Preciso de um guia.

– Bom, venha comigo. Eu lhe mostro tudo!

Ele me conduziu para longe da multidão quando um menino, provavelmente seu filho, trouxe dois camelos para nós. Logo, eu estava montado bem acima da areia, balançando para frente e para trás ao ritmo lento e constante do animal.

A voz gentil do meu guia me levou de volta através dos séculos. Cenas muito antigas se formaram em minha mente. Imaginei milhares de escravos suados trabalhando sem parar, construindo esses monumentos pedra por pedra até a morte. Ouvia o estalo de chicotes, os gemidos dos homens, o estalido e o estiramento de uma corda áspera passando por roldanas de madeira.

– Agora vamos entrar – disse meu guia, fazendo sinal para que eu o seguisse.

Desci do camelo, que estava ajoelhado e, com passos incertos, caminhei em direção à grande Pirâmide de Quéops.

O ar lá dentro estava frio. Meus olhos, acostumados à luz forte do deserto, a princípio não viram nada. Lentamente, senti as paredes da estreita passagem que levava mais fundo nas entranhas da tumba. O único som era o dos nossos passos.

– Guia – chamei calmamente, não querendo perturbar o silêncio –, onde você está me levando?

– Você vem, você vê – ele respondeu.

Subimos uma longa escada que se estendia na escuridão, cada vez mais alto, rumo ao centro da pirâmide.

Logo chegamos a uma sala com paredes frias de pedra.

– Esta é a câmara do rei – disse o guia, passando a mão em círculos amplos sobre a cabeça. – Aqui, o rei está enterrado.

Suas palavras ecoavam pelas longas passagens. De repente, um pensamento surgiu em minha mente: *“Uma sala como esta poderia ter sido o local do descanso final de Moisés.”*

A cidade nos cercou mais uma vez enquanto acelerávamos através dos séculos de volta aos dias de hoje. Com um sobressalto, paramos na entrada de um edifício grande e imponente.

Acima da porta, uma placa anunciava: *National Museum of Antiquity* (Museu Nacional de Antiguidade).

– Venha. Agora veremos o que havia na pirâmide – avisou o guia.

Lá dentro, descobri a incrível riqueza que acompanhava os reis do passado em sua suposta vida futura: tronos de ouro, pratos de ouro, carruagens de ouro, até mantos funerários bordados a ouro. O guia me explicou que se pensava que, quando um rei morria, ele passava para outro mundo, outro reino. Para atender às demandas de seus novos deveres, essas belas e inestimáveis ferramentas de liderança eram enterradas com ele.

Como nenhum rei deveria ficar sem servos, dezenas dos melhores servidores do país eram enterrados ao lado dele, muitos ainda vivos! Eles se sacrificavam pelo seu rei.

Comida e vinho também eram armazenados, prontos para saciar a fome e a sede dos espíritos viajantes.

Uma pequena placa acima de uma porta chamou a minha atenção: Sala da Múmia. Entramos e ficamos diante dos restos mortais de antigos habitantes de várias pirâmides em todo o Egito. Reis e nobres, rainhas e princesas, todos jaziam em caixões de pedra cobertos de vidro. Fileira por fileira, caminhávamos, olhando para os rostos de pessoas que estavam mortas há mais de 3 mil anos.

– Olhe aqui – meu guia chamou, apontando para um corpo perto do centro da sala. – Este é muito interessante.

– Por que você diz isso? – perguntei. – Ele se parece com todas as outras múmias aqui.

Meu guia sorriu e se curvou ao meu lado. Em voz baixa, ele explicou:

– Este homem ocupou o lugar de Moisés na corte do rei.

Sua declaração era apenas um palpite. Não há como provar se o que ele disse é verdade. Mas é totalmente possível que o corpo que jazia diante de mim tenha sido de um jovem que frequentou a escola com Moisés. Imaginei-os juntos, caminhando pelas cortes do faraó, conversando sobre sonhos futuros.

Mas uma escolha foi feita. “Pela fé, Moisés, já adulto, recusou ser chamado filho da filha do faraó, preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus a aproveitar os prazeres transitórios do pecado” (Hb 11:24, 25).

Moisés tinha tudo: as carruagens e os cavalos mais rápidos, as maiores casas, o futuro mais brilhante. Mas ele ouviu outra voz.

Enquanto seu amigo estava sentado no trono do Egito, Moisés levou mais de 1 milhão de ex-escravos reclamões para o deserto. Dois líderes, dois reinos, duas escolhas.

O tempo passou. Certo dia, um grito ergueu-se do palácio.

– O rei está morto! O rei está morto!

Lamentos e gemidos encheram o ar. Homens habilidosos, experientes com rituais da época, prepararam o corpo inanimado do governante e o envolveram para o funeral. Eles carregaram implementos de ouro lá para o fundo da pirâmide. As cerimônias duravam dias e semanas. Finalmente, com grande alarde, eles colocaram o corpo do rei na câmara mortuária. Com o estrondo de areia e pedra caindo, a tumba foi selada; o reinado havia terminado e o rei tinha partido para sua recompensa.

Bem longe dali, em uma montanha solitária, um velho lutava para chegar ao topo dela. Por um longo tempo, ele ficou olhando para o vale que se estendia sob seus pés. Uma voz – a mesma voz que ele ouvira no Egito – declarou: “Esta é a terra que prometi sob juramento a Abraão, Isaque e Jacó, quando disse: ‘Eu a darei a seus descendentes’. Sim, permiti que você a visse com seus próprios olhos, mas você não atravessará o rio para entrar nela” (Dt 34:4).

Sozinho, Moisés morreu e foi sepultado “num vale junto a Bete-Peor, em Moabe, mas até hoje ninguém sabe o lugar exato” (verso 6).

Faraó em sua pirâmide, Moisés em seu vale. Dois líderes no fim de duas vidas formadas por escolhas.

Mas esse não é o fim da história. Nem perto disso! A autora cristã Ellen White escreveu que “o próprio Cristo, com os anjos que sepultaram Moisés, desceu do Céu para chamar o santo que dormia”¹.

Cristo removeu as correntes da morte que prendiam Moisés a este mundo e o carregou gentilmente para sua recompensa eterna no Céu. Era uma amostra do que aconteceria no futuro com fiéis filhos de Deus.

Naquele dia, no museu, olhei para o rosto do rei morto. Ladrões e museus levaram sua recompensa. Seu reino acabou. Percebo, parado ali, que poderia estar olhando para Moisés se ele tivesse feito escolhas diferentes. No entanto, Moisés está vivo no Céu. Sua vida não foi fácil.

¹ WHITE, Ellen G. *Os Escolhidos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018), p. 292.

Entretanto, a cada desafio que enfrentava, cada vez que aplicava a verdadeira coragem a uma situação, seu amor e sua confiança em Deus aumentavam. Ele sabia que havia feito a escolha certa ao se unir ao povo de Deus e ao liderá-lo até a Terra Prometida.

O avião ganhou velocidade. Logo estávamos subindo para longe do deserto e da cidade. Ao longe, as pirâmides aguardam outros turistas. Mas minha mente está em paz e calma. Aprendi que Deus nos permite escolher e depois recompensa cada um de nós com base na coragem que demonstramos e nas escolhas que fazemos.

15

CORAJOSOS

Ao longo deste livro, conhecemos muitas pessoas que demonstraram coragem e destemor de uma forma ou de outra. Ficamos impressionados com a força delas e com as lições que elas aprenderam ao longo do caminho. Vamos conhecer mais algumas antes de nos despedirmos. Talvez você encontre a motivação para ser tão corajoso quanto deseja ser. Aproveite!

NÃO SÃO APENAS PALAVRAS

Quando McKay Hatch tinha 15 anos, ele confrontou os amigos com uma firme exigência.

- Se vocês querem ficar perto de mim - disse ele -, não quero ouvir palavrões.

A razão de sua exigência era simples.

- Palavras são importantes - disse-lhes. - As palavras afetam as coisas. Elas não são apenas palavras.

Falar palavrões era um ato comum na escola *South Pasadena High School*, no sul da Califórnia, e McKay já tinha ouvido o suficiente. O que aconteceu a seguir o surpreendeu e o deixou satisfeito.

– Eles pararam – lembra –, o que achei muito legal.

A experiência deu a McKay uma ideia. Se seus amigos puderam responder positivamente àquele desafio, por que não os outros colegas de classe?

Assim, começou o “Clube Sem Palavrões”, uma organização que incentivava os alunos a limpar seu vocabulário. Em poucos meses, 120 alunos se inscreveram.

– Essas palavras não são boas de se ouvir ou de estarem por perto – insistiu a veterana Dominique Butler, de 17 anos, membro do clube.

Ela lembra que, muitas pessoas que falavam palavrões de repente começaram a tentar parar, especialmente quando McKay estava por perto. Elas o chamavam de “o garoto sem palavrões”, e isso o fazia muito feliz.

Os requisitos do clube eram fáceis de serem seguidos. Cada vez que você dissesse um palavrão, tinha de colocar dinheiro em um pote. Então, com o tempo, uma instituição de caridade favorita receberia os fundos.

Um dia, McKay até repreendeu um professor xingador.

– Ele disse: “São apenas palavras” – lembra o garoto. – Isso me surpreendeu. Nunca pensei que um professor pudesse xingar na escola.

Hoje, o clube tem o próprio site (nocussing.com – em inglês) e muitos membros que estão determinados a seguir o que é, na verdade, uma sugestão bíblica. O rei Davi, que pode ter lutado com um problema de palavras duras e pouco gentis, motivou-se com uma bela oração: “Que as palavras da minha boca e a meditação do meu coração sejam agradáveis a Ti, SENHOR, minha rocha e meu redentor!” (Sl 19:14).

Muito bem dito!

FREQÜÊNCIA PERFEITA

Durante anos, Tyler Goodwin entrou pela porta da frente de sua escola em Inman, Carolina do Sul, na hora certa. Na verdade, ele era o primeiro aluno a fazer isso todas as manhãs. Isso depois que esse jovem de 17 anos ter vestido seu habitual jeans azul e camisa polo, tomado um rápido café da manhã, verificado seus e-mails e se dirigido até a escola, cerca de um quilômetro de distância de sua casa.

Por que a rotina? Porque Tyler nunca perdeu um dia de aula desde que começou a frequentar a escola 12 anos atrás.

A frequência perfeita não é sua única paixão. Ele também é membro do programa ROTC da escola¹ e é um trombonista estadual da *Pride of Chapman Marching Band*.

Quando ele terminou a sexta série sem perder um único dia de aula, Tyler jurou que continuaria sendo pontual *o tempo todo*. Ele já tinha os pingentes azuis e brancos de seis anos de frequência perfeita colados na porta de seu quarto.

Ele entende que é uma pessoa única quando se trata dessa paixão em particular.

– Percebi que poucos cursam os 12 anos de estudo com frequência perfeita – diz ele.

– É uma conquista rara e extremamente impressionante – relata Stephanie Mathis, diretora da escola secundária de Tyler. – Os que fazem isso são pessoas com grande motivação interior e entendem o que é preciso para ter sucesso, seja na escola ou na vida.

Tyler espera que sua disciplina o ajude a ganhar uma bolsa de estudos da Força Aérea dos Estados Unidos para a faculdade.

– Será que falar sobre seus objetivos de alguma forma não atrapalhará sua frequência perfeita? – as pessoas costumam lhe perguntar.

¹ Nota da Tradutora: O ROTC é um programa criado pelo Exército dos EUA. O treinamento que um aluno recebe no ROTC fornece desenvolvimento de liderança, habilidades militares e treinamento de carreira. Os alunos participantes podem ter seus estudos regulares pagos pelo governo.

Tyler apenas sorri e diz:

– Eu não paro se tenho um objetivo.

Bem, não é uma atitude ruim para um futuro recruta da Força Aérea.

LER, ESCREVER E ECONOMIZAR COMBUSTÍVEL

Uma rajada de ar o atingiu com uma ideia.

Jonny Cohen, aluno do sétimo ano, notou uma mudança repentina na pressão do ar quando um ônibus escolar passou. Seu interesse pela física surgiu aí.

– Percebi que o ônibus era muito quadrado, e é por isso que criei uma mudança no ar. Por causa desse design, o ônibus estava usando mais combustível do que precisava.

Isso o fez pensar: *“O que eu poderia fazer para tornar esses grandes bebedores de combustível amarelos mais aerodinâmicos, econômicos e ecologicamente corretos?”*

Seu interesse pela ciência e pela física começou cedo na vida. Sua mãe, Jakee, diz que Jonny era o tipo de criança que gostava de desmontar seus brinquedos e reconstruí-los, aprimorando-os. Ela se lembra dele testando alguns foguetes caseiros, amarrando bonecas da irmã mais nova a eles e enviando-os para um belo passeio.

Contudo, foi um acampamento científico de verão na *Northwestern University*, em Chicago, que realmente deu o pontapé inicial. Lá, ele aprendeu sobre o fluxo de ar e como reduzir o arrasto. Os resultados são os *GreenShields*, um dispositivo que pode ser acoplado aos ônibus escolares para reduzir a resistência deles ao vento à medida que se movem.

– Isso pode gerar uma economia anual de 600 dólares de combustível por ônibus – explicou ele às pessoas. – Esse dinheiro poderia ser investido em livros e ótimos professores, em vez de em um tanque de combustível.

Após ganhar uma doação de 25 mil dólares do *Pepsi Refresh Project*, ele trabalhou e construiu um protótipo para testar sua ideia. Funcionou! O que parece um aerofólio de um avião pode ser preso ao teto de um ônibus escolar. O escudo custa 30 dólares e aumenta a quilometragem em até 20%.

– Mas os distritos escolares e as empresas de ônibus não estão focando nos benefícios – diz Jonny. – Estão preocupados com o risco de serem processados. Então estamos trabalhando para obter aprovações de segurança. É frustrante, mas não vamos desistir.

Cientistas dedicados nunca desistem.

FALANDO PELOS ANIMAIS

Willow Phelps ama animais. Essa aluna do quarto ano não apenas os ama, mas também quer ser a voz deles.

Quando questionada sobre como ela mantém uma atitude positiva sempre que cuida de animais maltratados, ela diz:

– Eles são nossos amigos e não podem falar por si mesmos, então temos que falar por eles.

Como ela faz isso? Certa vez, arrecadou dinheiro para um gatinho que precisava amputar a perna. Ela conseguiu que as pessoas em sua cidade doassem 11 mil dólares para animais em perigo. Às vezes, ela e sua família adotam cachorros e gatos que ninguém mais quer. E, quando soube de alguns chimpanzés presos na Libéria, ela protestou contra o *New York Blood Center*, que havia usado os chimpanzés em estudos científicos.²

Willow, cujo animal favorito é a erva, tem alguns conselhos para crianças que têm medo de animais.

² SULLIVAN, Ashley, Resolution at Last for New York Blood Center Chimps in Liberia, Jane Goodall's Good for All News, 31 de maio de 2017, <https://news.janegoodall.org/2017/05/31/resolution-last-new-york-blood-center-chimps-liberia/>.

- Eles são como pessoas. Se você os tratar com respeito, eles o tratarão com respeito também.

Não são apenas os animais no auge da vida que tocam o coração dela. Ela também cuida de animais que enfrentam o fim da vida.

- Planejo adotar mais animais que requerem cuidados paliativos porque, quando eles estão no abrigo, ficam muito velhos e queremos que tenham uma boa vida até o fim. Eles não deveriam ter que viver o resto da vida no abrigo.

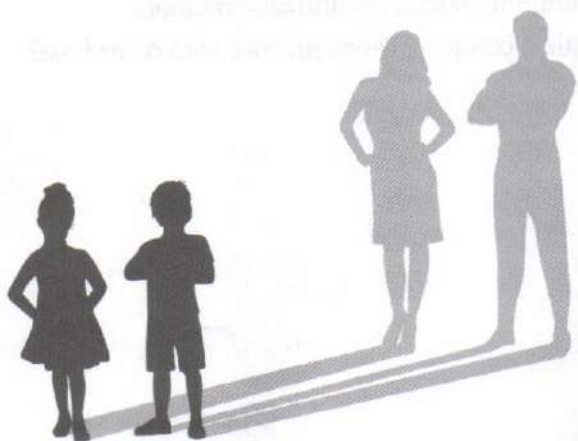
Willow quer ser veterinária no centro de treinamento de animais marinhos em Nova Jersey quando crescer.

Em 2016, a *American Society for the Prevention of Cruelty to Animals* deu a Willow o prêmio ASPCA® *Tommy P. Monahan Kid of the Year*, que é concedido a jovens que fazem um esforço considerável para ajudar as criaturas de Deus.

- Fale pelos animais! - ela diz a seus amigos jovens. - As crianças podem ser voluntárias, arrecadar dinheiro, cuidar de seus animais de estimação e parar de comer carne.

Nenhum animal poderia ter dito algo melhor.

Ei, você, que é corajoso! De quem você será a voz hoje?



ESTÁ PRONTO PARA SER SURPREENDIDO?



Ser corajoso e destemido não significa não estar com medo, preocupado ou sem vontade de fazer o que precisa ser feito. Significa simplesmente que você está com medo, preocupado, sem vontade de fazer o que precisa ser feito e, mesmo assim, não irá recuar. Isso exige coragem!

Como você descobrirá nestas páginas, as pessoas que escolhem a coragem ao invés do medo acabam também aprendendo lições valiosas. Suas experiências realmente fortalecem sua fé em Deus e lhes dão capacidade de lidar com os desafios da vida, quer sejam grandes ou pequenos. É verdade! Porque, com Deus ao seu lado, elas realmente têm menos medo.

Charles Mills é autor de mais de 50 livros publicados e de centenas de artigos em revistas. Seu objetivo é pintar novas e vibrantes retratos de Jesus, revelando o amor do Salvador por meio de novos e relevantes sons, palavras e imagens. Além de escrever, produzir vídeos, criar e apresentar programas de rádio, Charles gosta de música, fotografia e de explorar o estado de Virginia Ocidental, Estados Unidos, com sua esposa, Dorinda.

